



Editorial

Chamados a renovar o esforço missionário para que a Igreja chegue a todos
Página 4

Encontro com o Pastor

Nossa oração é sempre um exercício de conversão sincera e de humildade
Página 2

Como estimular a defesa da vida em meio à 'cultura da morte'?

Reprodução

CADERNO ESPECIAL OSO PAULO

Fé e Cidadania

A defesa da vida e os desejos mais profundos de nosso coração

Francisco Barbo Ribeiro Neto

Defesa da vida, beleza e esperança

Este caderno especial aborda a defesa da vida humana, desde a concepção até o fim da vida, em um contexto de cultura da morte. O texto discute a importância da fé e da esperança na defesa da vida, bem como a beleza e a esperança que podem ser encontradas na vida humana.

Papa Francisco eleva mais 14 santos à honra dos altares



Papa Francisco saúda fiéis na Praça São Pedro, no Vaticano, na missa de canonização de 14 santos para a Igreja, realizada no domingo, 20

Em missa na Praça São Pedro, no domingo, 20, o Pontífice canonizou o Padre José Allamano, fundador dos missionários e missionárias da Consolata; a Irmã Elena Guerra, fundadora das Oblatas do Espírito Santo; a Irmã Maria-Léonie Paradis, que dedicou-se à formação dos consagrados e ao servi-

ço de comunidades e escolas; e os "11 Mártires de Damasco", vítimas da perseguição no Líbano e na Síria, assassinados em 1860.

O Papa afirmou que essas "testemunhas da fé" viveram a exemplo de Jesus.

Páginas 12 e 13

Em paróquia da zona Norte, Dom Odilo exorta fiéis ao testemunho da fé

Entre os dias 15 e 20, o Cardeal Scherer realizou visita pastoral à Paróquia Jesus no Horto das Oliveiras, na Região Santana. Ele conheceu as ações evangelizadoras e vivenciou as realidades sociais na área da Paróquia, que em 2024 completa 50 anos.

Padre Jovanês Vitoriano, SDS, Administrador Paroquial, destacou que a presença do Arcebispo "foi uma bênção e graça de Deus, na certeza de que caminhamos juntos como Igreja a partir das diretrizes do sínodo arquidiocesano nas dimensões do anúncio, do testemunho e da caridade".

Página 3



Cardeal Odilo Scherer, clérigos e fiéis na missa de encerramento da visita pastoral à Paróquia Jesus no Horto das Oliveiras, no domingo, dia 20

**CARDEAL
ODILO PEDRO
SCHERER**

Arcebispo
metropolitano
de São Paulo

Quando a oração não é atendida

não eram os únicos que pensavam assim, quer entre os amigos de Jesus, quer entre os seus inimigos e perseguidores. No julgamento de Jesus perante Pilatos e Herodes e na sua paixão e morte essas expectativas aparecem claramente.

Diante dessa “oração” dos dois apóstolos pretenciosos, qual é a resposta de Jesus? Ele responde com compreensão e paciência: “Vocês não sabem o que estão pedindo”. E lhes pergunta, se seriam capazes de receber o batismo que Ele deverá receber e de beber do cálice que Ele deverá beber. Eles respondem que sim, mas ainda não sabem o que dizem. Jesus lhes fala do “batismo de sangue” e do “cálice amargo” da sua dor, paixão e morte. Mais tarde, eles também provarão desse cálice e desse batismo.

Os outros dez apóstolos irritam-se com os dois e mostram que também eles ainda não estão compreendendo nada. Certamente, estavam ambicionando os mesmos postos de privilégio e não lhes pareceu bem que os dois tivessem tentado isso sem eles participarem do pedido. Jesus tem mais paciência com seus apóstolos, que ainda precisam aprender muitas coisas para, depois, darem ao mundo o testemunho sobre Jesus, sua missão e sua obra. Eles o farão mediante a força do Espírito Santo, que os ajudará a compreender

melhor quem é Jesus e qual é sua missão. Eles ainda têm projetos demasiado humanos, cheios de ambição e desejos de afirmação pessoal e privilégios.

Jesus, então, os adverte: se entre os grandes deste mundo acontece que alguns oprimem e tiranizam os seus súditos e buscam privilégios e poder, “entre vós, porém, não deve ser assim”. Esta firme advertência deveria ficar impressa com letras grandes em todas as páginas de nossa memória, para ser lembrada a todo instante nas nossas relações com o próximo. O cristão, em vez de buscar vantagens e privilégios a todo custo, deve estar sempre disponível para servir, a exemplo de Jesus. Também quem exerce a autoridade, qualquer que ela seja: deve ser exercida como um serviço. Do contrário, ela se torna despótica e opressiva.

Jesus não atende ao pedido de Tiago e João, seus dois queridos discípulos. O pedido não era movido por reta intenção e não era coisa boa, nem contribuía para a realização do reino de Deus. Ele próprio não está à procura das glórias deste mundo, mas está a serviço de Deus e da humanidade. E quem quiser participar da glória do seu reinado, deve colocar-se a serviço de Deus e do próximo, com sinceridade, humildade e desapego de si mesmo. Quem quiser ser grande,

coloque-se ao serviço de todos. E quem quiser ser o primeiro, procure o último lugar. Jesus não veio para ser servido, mas para servir e entregar a sua vida pela salvação da humanidade.

Esta reflexão também leva a nos perguntarmos sobre o exercício da religiosidade: ela está voltada ao reconhecimento de Deus e à sua glória, ou, acima de tudo, à nossa autopromoção, talvez, à busca de privilégios e de poder? Essa pode ser uma grande tentação. Não é por nada que o primeiro de todos os mandamentos diz que devemos “amar a Deus de todo coração, com todo o entendimento e com todas as forças”. Não cabe entregar a Deus apenas um cantinho do nosso coração e da nossa vida, reservando sempre o espaço maior para a afirmação dos nossos desejos, caprichos e vaidades.

Jesus mostrou, na parábola dos dois homens que foram ao templo para rezar, que Deus detesta a oração do soberbo e pretencioso. Mas atende a oração dos humildes e sinceramente contritos. No trecho do Evangelho, sobre o qual refletimos, Jesus convida à purificação das intenções, desejos e atitudes quando nos dirigimos a Deus em oração. Nossa oração é sempre, ao mesmo tempo, um exercício de conversão sincera e de humildade.

Lemos no domingo passado, dia 20 de outubro, o trecho singelo do Evangelho de São Marcos, no qual dois apóstolos, os irmãos Tiago e João, se aproximam de Jesus para lhe pedir alguma coisa bem combinada entre eles. Com muita familiaridade e confiança, eles pedem que Jesus lhes garanta antecipadamente os lugares de honra à esquerda e à direita do trono, quando Ele entrasse em sua glória (cf. Mc 10,35-45).

O pedido revela o que andava na cabeça desses dois irmãos: queriam ter um privilégio muito especial, que representava grande honra e poder e uma vida assegurada na companhia do futuro rei... E revela, também, como eles olhavam para Jesus e o que pensavam dele: o messias terreno, que logo venceria os inimigos e tomaria conta do trono de Davi, restabelecendo as glórias do passado, a liberdade e a segurança ao seu povo. E eles, os discípulos, seriam participantes desse “projeto de reinado”, assumindo postos de chefia no novo governo... Certamente, eles

PIPOLI AGLIANICO DEL VULTURE
Terra, vino e passione.

APRECIAR COM MODERAÇÃO

FANTINI

CAMPAIGN FINANCED ACCORDING TO EU REG. NO. 13082013

Em visita pastoral, Dom Odilo anima fiéis às ações evangelizadoras da Paróquia Jesus no Horto das Oliveiras

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

O Cardeal Odilo Scherer concluiu no domingo, 20, a visita pastoral à Paróquia Jesus no Horto das Oliveiras, no Decanato São Tiago de Zebedeu na Região Santana. Desde o dia 15, quando iniciou a visita, presidindo uma missa na matriz paroquial, o Arcebispo tomou ciência dos diferentes trabalhos evangelizadores ali realizados e teve contato com as realidades pastorais e sociais na área de abrangência da Paróquia, que em 2024 completa 50 anos de fundação, tendo como Administrador Paroquial o Padre Jovanês Vitoriano, SDS.



Missa de encerramento da visita pastoral, no domingo, 20, presidida por Dom Odilo; durante a semana, Arcebispo vai à casa de parauianos



Fotos: Pascom paroquial

CONTATO COM AS DIFERENTES REALIDADES

Na manhã do dia 16, o Arcebispo foi à Escola Estadual Deputado Pedro Costa, na Vila Isolina Mazzei, sendo acolhido por membros da direção e pelo secretário estadual da Educação, Renato Feder.

Recentemente, esta escola foi indicada como uma das finalistas do Prêmio Melhores Escolas do Mundo (World's Best School Prizes), na categoria Colaboração Comunitária, em razão dos programas de xadrez, atletismo e ginástica artística que tem realizado.

No mesmo dia, Dom Odilo fez a verificação dos livros da Paróquia e dos serviços

prestados à comunidade, como é costume nas visitas pastorais.

PROXIMIDADE PASTORAL

Na quinta-feira, 17, pela manhã, o Cardeal foi à casa da paroquiana Benedita de Lourdes, que naquele dia completou 81 anos de vida. Na sequência, visitou a pequena Lívia, de 10 meses de vida, que tem uma síndrome rara, e conversou com seus pais, Renato e Camila. Depois, foi à casa do jovem Matheus, 19, cadeirante, e almoçou com seus pais, Vinícius e Sandra.

No mesmo dia, à tarde, o Arcebispo esteve na Casa de Repouso Arcanjo Gabriel, levando uma mensagem de esperança aos

18 idosos que ali convivem, alguns dos quais em cuidados especiais. Esteve, ainda, na casa da paroquiana Adair. Também foi à Associação São Pio da Pietrelcina e São João Paulo II, que realiza trabalhos assistenciais, sendo acolhido pelo presidente e fundador, Antonio Conrado Junior.

Ainda na quinta-feira, à noite, Dom Odilo se reuniu na matriz paroquial com os membros do Conselho de Pastoral Paroquial (CPP) e do Conselho Administrativo e Econômico (CAE), além de representantes das pastorais e movimentos.

O PASTOR COM O POVO

No domingo, 20, Dom Odilo presidiu a Eucaristia, pela manhã, na Capela Bom Pastor, e à noite na matriz paroquial, concelebrada pelo Padre Jovanês, com a assistência dos Diáconos Rogério Ruiz Soler e Edson Breda. Esta última celebração também marcou a renovação da Aliança de Amor com a Mãe, Rainha e Vencedora

Três Vezes Admirável de Schoenstatt, por ocasião do 27º aniversário da presença desse movimento na Paróquia.

À reportagem, Padre Jovanês comentou que a visita de Dom Odilo à Paróquia “foi uma forma do nosso Pastor estar próximo de seu povo para instruir e animar na vida eclesial e renovar a fé e o compromisso com Jesus Cristo”.

O Sacerdote destacou, ainda, ter percebido que Dom Odilo “viveu intensamente cada momento, observando o sofrimento de algumas famílias, escutando e conversando com o povo, abençoando as pessoas, instruindo nas questões pastorais, chamando à vivência da fé e do compromisso com a Igreja. Sua presença entre nós foi uma bênção e graça de Deus, na certeza de que caminhamos juntos como Igreja a partir das diretrizes do sínodo arquidiocesano nas dimensões do anúncio, do testemunho e da caridade”.

(Colaboraram: Antonio Rampazzo e Livônia Maria)

Dom Carlos Lema: os professores devem desejar se parecer com Jesus

Felipe Matos Cândido/Catedral da Sé



REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

No sábado, 19, Dom Carlos Lema Garcia presidiu missa na Catedral da Sé, rogando as bênçãos de Deus aos professores, em alusão ao Dia do Professor, comemorado em 15 de outubro.

“Todos nós, sem exceção, estamos aqui hoje, cada um realizando o seu trabalho no mundo da educação, graças ao desvelo dos nossos professores”, disse, na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese

se e Vigário Episcopal para a Educação e a Universidade. Concelebrou o Cônego Helmo César Faccioli, Auxiliar do Cura da Catedral.

Dom Carlos Lema destacou que na Bíblia Jesus aparece como aquele que faz e que ensina: “Esse é o segredo da pedagogia de Jesus e o motivo pelo qual Ele atrai tantas pessoas, pois existe coerência entre o que Ele ensina e o que vive”.

“Os professores, como educadores, devem desejar se parecer com Jesus, neste esforço de ir à frente, com um exemplo de vida coerente, para arrastar os seus alunos no caminho do bem”, prosseguiu.

O Prelado também lembrou o histórico empenho da Igreja na missão educadora e recordou um discurso do Papa Francisco, de fevereiro de 2014, no qual o Pontífice aponta que “o terreno da educação é um grande canteiro aberto, no qual a Igreja está sempre presente, mediante as suas instituições e os seus programas”.

No final da homilia, o Bispo fez uma prece especial, rogando as bênçãos de Jesus e de Maria Santíssima a todos os professores e profissionais da Educação.

Leia mais no site do O SÃO PAULO em <https://curt.link/IDLpo>.



Pascom paroquial

PEREGRINAÇÃO DAS RELÍQUIAS DE SANTA TERESINHA

Terminou no domingo, 20, a peregrinação ao Brasil das relíquias de Santa Teresinha do Menino Jesus (1873-1897). Desde janeiro, o relicário com os fragmentos do corpo da Santa carmelita e Doutora da Igreja passou por cerca de 70 cidades, em diferentes estados do País. No último dia, cinco missas foram celebradas na Paróquia Santa Teresinha, uma delas presidida por Dom Devair Araújo da Fonseca, Bispo de Piracicaba (SP). Centenas de fiéis leigos e membros de ordens da família carmelitana, provenientes de diversos lugares, foram à Paróquia para agradecer as graças recebidas e pedir a intercessão da Santa. Ao final do dia, antes que as relíquias seguissem o trajeto até o Aeroporto de Guarulhos para o seu retorno a Lisieux, na França, foi entoado diante do Santíssimo Sacramento o *Te Deum*, em louvor pelo testemunho de vida e legado da Santa.

(Colaborou: Secretariado de Comunicação da Região Sé)

Editorial

Ide e convidai a todos para o banquete!

No último domingo, 20, foi celebrado o Dia Mundial das Missões. A mensagem do Papa Francisco para esta ocasião está estruturada como uma meditação sobre a Parábola do Banquete Nupcial (cf. Mt 22,1-14), e especialmente daquela ordem final que o rei dá aos seus servos: “Ide às saídas dos caminhos e convidai para as bodas todos quantos encontrardes” (v.9). Segundo o Papa, nesta frase se encontram três elementos a partir dos quais “podemos estruturar alguns aspectos importantes da evangelização”.

Em primeiro lugar, estão os verbos da ordem: *Ide e convidai*. Em toda evangelização existe um *Ide*, um partir em direção aos que ainda não estão no Banquete. E o Papa faz notar que, quando receberam essa ordem, os servos *já haviam sido enviados* anteriormente, aos convidados originais do Banquete – em outras palavras, eles partiram novamente, sem perder o ânimo, para encher de convidados a casa de seu mestre. Assim

também a Igreja, em sua missão evangelizadora, deve incansavelmente renovar seus esforços, para alcançar a toda a humanidade.

E aqui é preciso deixar claro que esse esforço missionário não se limita aos que deixam sua pátria e partem para terras onde o nome de Cristo ainda é desconhecido. O Papa nos lembra que “*todo cristão é chamado a tomar parte nessa missão universal*”, em seu próprio ambiente profissional, escolar ou familiar. Se vivermos a sério o Evangelho, “*cada um segundo a sua própria condição de vida..., como nos alvares do Cristianismo*”, conseguiremos trazer para Cristo os que estão à nossa volta.

Mas esse impetuoso “*Ide*” precisa ser temperado com o manso “*Convidai*”: não se pode *forçar* ninguém a virar cristão; o discípulo missionário deve ter a mesma doçura do Mestre, que atraía a multidão mais com a ternura de suas palavras e atitudes do que com a dureza de suas ameaças.

O segundo elemento da Parábola em

que o Papa enxerga um critério importante para a evangelização é o “*Banquete Nupcial*”: ou seja, o convite missionário tem por conteúdo integrar-se a uma verdadeira *feita*. Em um mundo como o nosso, que continuamente nos propõe “*os vários ‘banquetes’ do consumismo, do bem-estar egoísta, da acumulação, do individualismo*”, a Boa-nova cristã consiste em conclamar todos os homens para o Banquete verdadeiro, “*onde reinam a alegria, a partilha, a justiça, a fraternidade, na comunhão com Deus e com os outros*”.

E o lugar privilegiado em que vivemos essa dimensão festiva do Cristianismo é a Sagrada Eucaristia: por isso, o Papa nos chama a “*viver mais intensamente cada Eucaristia*”, recebendo o Senhor não apenas com manifestações exteriores, mas com a fé viva e uma profunda devoção interior, que nos permita colher em nossa vida ordinária os frutos de nossas boas Comunhões.

Por fim, o Santo Padre enxerga um terceiro elemento de compreensão da

evangelização cristã na parte final da ordem do rei a seus servos: “*Convidai... todos quantos encontrardes*”. Isso significa que o convite para fazer parte do grande banquete que é o Cristianismo se dirige a todos os homens, “*independentemente de sua condição social e mesmo moral*”.

É claro que alcance universal diz respeito ao *convite*: ou seja, Deus *chama a todos* para se converter e, mudando de vida, fazerem-se cristãos, ainda que, infelizmente, *nem todos aceitem* este convite. Ainda na parábola, o próprio rei passou em vistoria, no banquete, para ver se todos os convidados traziam a veste nupcial (cf. Mt 22,11-13) – e esta veste é o estado de graça, obtido pelos sacramentos e pela fé da Igreja. Como diz o Papa: “*Cada homem e cada mulher é destinatário do convite de Deus para participar na sua graça que transforma e salva. Basta apenas dizer ‘sim’*”.

Rezemos, então, e trabalhem, sem desanimar, para que a casa de nosso Pai-Deus esteja repleta de seus filhos amados, tanto aqui na terra quanto no Céu!

Opinião

O apagão em São Paulo e a Doutrina Social da Igreja

FRANCISCO BORBA RIBEIRO NETO

Em outubro, São Paulo sofreu seu terceiro “apagão” em um ano, deixando mais de 2 milhões de pessoas sem energia elétrica – muitas por vários dias. Em período eleitoral, a troca de acusações entre partidos ficou ainda maior. O debate costuma centrar-se em acusações de inépcia e omissão do governante ou na crítica ao modelo de serviços públicos (estatizado ou privatizado). Contudo, estamos diante de um problema mais amplo: o efetivo controle social sobre o Estado e o mercado.

Ainda que seja um caso específico, o apagão de São Paulo tem muito em comum com a dificuldade de regulação e controle das redes sociais e da internet ou mesmo com as críticas frequentes que vêm sendo feitas ao Supremo Tribunal Federal (STF). Em todos os casos, temos uma desconfiança de grande parte da população, um aparente descontrole de entes públicos (ou que prestam serviços públicos), a incerteza quanto ao seu real serviço ao bem comum. As propostas de solução mais alardeadas também costumam ter traços em comum: espera-se que os mandatários do momento tomem atitudes mais enérgicas ou, do contrário, adentra-se em intermináveis debates partidários sobre o melhor modelo a ser adotado. No fundo, temos sempre a centralização do poder nas mãos de poucos, que comprometem o bem



comum por não quererem abdicar de suas prerrogativas.

A discussão sobre os modelos de prestação de serviços públicos, de relação entre os três poderes ou mesmo da democracia que desejamos são fundamentais. Mas não mudam o fato de que já temos modelos estabelecidos e que, até sua transformação radical, devem ser aperfeiçoados para se tornarem mais eficientes e transparentes. Os debates dos últimos 25 anos não mudaram o fato de o setor privado ter aumentado sua presença nos serviços públicos, sem que agências reguladoras e conselhos (os quais, teoricamente, reuniriam a capacitação técnica

com a participação social para gerenciar os serviços) conseguissem acompanhar essa expansão. O Poder Legislativo não parece disposto a partilhar sua autoridade para normatizar os diferentes setores, gerando morosidade e, muitas vezes, falhas por desconhecimento técnico (vide os problemas com a regulação das redes sociais). Propostas que dão mais transparência ao funcionamento do STF e garantem maior participação social na escolha de seus magistrados nunca avançam. Os órgãos de fiscalização se queixam de seu sucateamento e da falta de recursos para enfrentar as demandas crescentes.

Bento XVI, na *Caritas in veritate*, destacou a necessidade de um sistema com três sujeitos: o mercado, o Estado e a sociedade civil (CV 38). Sem o protagonismo da sociedade civil, nem a máquina estatal nem os mercados poderão servir efetivamente ao bem comum. O Compêndio da Doutrina Social da Igreja, por sua vez, considera que “a participação na vida comunitária não é somente uma das maiores aspirações do cidadão, chamado a exercer livre e responsabilmente o próprio papel cívico com e pelos outros, mas também uma das pilas de todos os ordenamentos democráticos, além de ser uma das maiores garantias de permanência da democracia” (CDSI 190).

Para construir o bem comum e uma sociedade mais democrática, é fundamental aprimorar as instituições de controle social e os mecanismos de fiscalização sobre prestadores de serviços públicos, tanto privados quanto estatais. Os políticos, de modo geral, têm muita dificuldade para agir nessa perspectiva. Por isso, trata-se de uma demanda a ser feita aos candidatos nos períodos eleitorais e acompanhada ao longo dos mandatos: qual o compromisso de cada um deles para com o controle social dos prestadores privados de serviços e da própria máquina estatal?

Francisco Borba Ribeiro Neto
é editor dos Cadernos Fé e Cultura
e Fé e Cidadania de O SÃO PAULO.

Espiritualidade

A onipresença do ser humano e a benevolência de Deus



**DOM ROGÉRIO
AUGUSTO
DAS NEVES**
BISPO AUXILIAR
DA ARQUIDIOCESE
NA REGIÃO SÊ

Já houve um tempo em que as representações de Deus às vezes mostravam um triângulo com um olho no centro. Era a maneira de representar a Santíssima Trindade, mas também de acentuar a sua onipresença ou, mais que isso, sua onisciência. Deus está em toda parte e Ele vê tudo. Algumas instituições gostavam de estampar em lugares mais privados a frase: “Deus te vê!” Claro que ninguém discorda disso. Se Deus é Deus, seria contraditório pensar coisa diferente.

O Antigo Testamento afirmava essa consciência: “O Senhor olha do céu, vê todos os filhos dos homens. Do alto de sua morada, observa todos os habitantes da terra; ele, que formou o coração de cada um, está atento a cada uma de suas ações” (Sl 32,13-15).

Jesus também falou sobre isso. Não tanto para dizer que Deus vê tudo, mas para afirmar que os homens não precisam ver ou saber tudo: “Quando deres esmola, que tua mão esquerda não saiba o que fez a direita. Assim, a tua esmola se fará em segredo; e teu Pai, que vê o escondido, irá recompensar-te... Quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai em segredo; e teu Pai, que vê em um lugar oculto, te recompensará... Quando jejuares, perfuma a tua cabeça e lava o teu rosto. Assim, não parecerá aos homens que jejuas, mas somente a teu Pai que está presente ao oculto; e teu Pai, que vê em um lugar oculto, te recompensará” (Mt 6,3-4;6;17-18).

Tal ideia de um Deus onipresente e onisciente já foi muito combatida como se fosse um tipo de “doutrinação” e “despersonalização”. No entanto, é curioso que vivamos em um tempo em que as pessoas querem muito ser vistas por todos, como acontece nas redes sociais e, ao mesmo tempo, não gostam de serem vigiadas, como acontece com as câmeras espalhadas em todos os lugares públicos e até em alguns lugares privados. Apesar disso, é estranho que gostem de vigiar e de saber de tudo

sobre os outros, como acontece nos *reality shows*.

Mas, a grande questão e a grande diferença é que Deus não nos vê por meio de mecanismos que captam o nosso exterior. Ele nos conhece por dentro, como dizia Santo Agostinho: “Deus é mais íntimo de mim do que eu mesmo” (“interior intimo meo”: Confissões, III, 6, 11). Porém, Deus jamais nos expõe a intimidade de maneira vexatória e interesseira. Não é a sua vigilância que nos doutrina ou despersonaliza. O mesmo não se pode dizer da vigilância do ser humano. Hoje, mais do que nunca, podemos nos consolar sabendo que Deus nos vê, nos conhece por dentro e nos ama infinitamente: “Senhor, Vós me perscrutais e me conheceis, sabeis tudo de mim, quando me sento ou me levanto. De longe, penetrais meus pensamentos. Quando ando e quando repouso, Vós me vedes, observais todos os meus passos. A palavra ainda não me chegou à língua, e já, Senhor, a conheceis toda. Vós me cercais por trás e pela frente, e estendeis sobre mim a Vossa mão. Conhecimento assim maravilhoso me ultrapassa, ele é tão sublime que não posso atingi-lo. Para onde irei, longe de Vosso

Espírito? Para onde fugir, apartado de Vosso olhar? Se subir até os céus, ali estareis; se descer à região dos mortos, lá Vos encontrareis também. Se tomar as asas da aurora, se me fixar nos confins do mar, é ainda Vossa mão que lá me levará, e Vossa destra que me sustentará. Se eu dissesse: ‘Pelo menos as trevas me ocultarão, e a noite, como se fora luz, me há de envolver’. As próprias trevas não são escuras para Vós, a noite Vos é transparente como o dia e a escuridão, clara como a luz. Fostes Vós que plasmastes as entranhas de meu corpo, Vós me teceste no seio de minha mãe. Sede bendito por me haverdes feito de modo tão maravilhoso. Pelas vossas obras tão extraordinárias, conheceis até o fundo a minha alma. Nada de minha substância Vos é oculto, quando fui formado ocultamente, quando fui tecido nas entranhas subterrâneas. Cada uma de minhas ações Vossos olhos viram, e todas elas foram escritas em Vosso livro; cada dia de minha vida foi prefixado, desde antes que um só deles existisse. Perscrutai-me, Senhor, para conhecer meu coração; provai-me e conheci meus pensamentos. Vede se ando na senda do mal, e conduzi-me pelo caminho da eternidade” (Sl 138,1-16;23-24).

Comportamento

Crueldade, transtorno de conduta, vandalismo – o sutil limite

SIMONE RIBEIRO CABRAL FUZARO

Todos nos surpreendemos com a triste notícia veiculada na última semana sobre o menino de apenas 9 anos que matou violentamente mais de 20 animais no Paraná.

Muitos sentimentos e pensamentos são despertados em uma situação tão drástica como essa: o que pode levar uma criança a uma atitude tão agressiva, com notas de crueldade e sadismo? Como uma criança se determina a tamanha destruição, sem parecer arrependida ou ao menos chocada com seu próprio impulso? Deveria esta criança ser punida para aprender que seus atos têm consequências? Enfim, é natural que uma notícia tão impactante gere muita comoção e provoque as mais diferentes reações, mas confesso que algumas me chamaram bastante a atenção.

Muitíssimos se manifestaram nas redes sociais de modo favorável à responsabilização da criança por sua atitude, defendendo, de modo radical, que se ela foi capaz do ato, deveria também estar capacitada à punição.

Quero aqui analisar a situação levando em conta dois aspectos: 1. O que poderia levar uma criança a esse tipo de conduta?

2. Como lidar com a criança depois que o ato criminoso já foi cometido?

Vamos ao primeiro aspecto: algo que me chamou a atenção no caso foi o fato de que esse menino mora com os avós e não foi veiculada informação alguma mais completa sobre os pais ou mesmo sobre o relacionamento com os avós. Ele esteve na fazendinha no dia anterior, com um grupo de crianças, segundo uma das notícias sobre o assunto. Não apareceu relato de nenhum adulto responsável acompanhando-o no dia anterior nem percebendo sua falta quando estava na fazendinha matando os animais.

Crianças são pessoas em formação – precisam ser orientadas, acompanhadas, conduzidas com clareza de limites para que se formem de modo equilibrado e saudável. Uma criança de 9 anos ainda está tendo seu caráter formado. Quem está se dedicando à formação desse menino? Será que há uma estrutura familiar empenhada nisso?

Sobre os avós, somente encontrei que declararam que o menino nunca tinha apresentado manifestações violentas anteriormente. No entanto, quando uma criança não está bem, não necessariamente apresenta manifestações agressivas e violentas. Pode também se

mostrar apática, ter manifestações de cinismo, apresentar episódios recorrentes de mentira, ou seja, muitas são as manifestações que uma criança pode apresentar e que nos levam a olhar de modo mais cuidadoso para a sua saúde psíquica e emocional.

Sendo assim, convido-os a pensar: será que há uma família tratando de formá-lo? Percebem que a família é fundamental para a formação das pessoas e que, como sempre costumamos dizer, crianças não brotam do chão – elas são confiadas a adultos que as mantêm vivas e as ensinam a viver. Não quero com essa reflexão culpar alguém, até porque não existem evidências suficientes para isso, mas apenas alertar: estamos agindo com a responsabilidade e autoridade necessárias na vida das nossas crianças?

Agora pensando no segundo aspecto: essa criança que teve esse comportamento cruel deveria ser punida judicialmente? Parece-me um tanto óbvio que não. Entendam: se acreditarmos que um menino desta idade deve assumir as responsabilidades e consequências de todos os seus atos, admitiremos que crianças são, na verdade, adultos pequenos, ou seja, pessoas que já têm critérios e juízo moral bem formado, capacidade de do-

minar seus impulsos, emoções e desejos e de decidir o melhor a fazer a cada momento.

Isso somente reafirma o que tanto venho observando em minha prática profissional: faltam adultos que exerçam a autoridade e assumam a responsabilidade na formação das crianças. Os adultos descomprometidos e confusos dão às crianças autonomia de decisão sobre coisas que não estão aptas a decidir e, como resultado, formam pessoas impulsivas, sem limites e sem critérios, verdadeiros vândalos. Depois, esses adultos querem responsabilizar essas “pequenas vítimas” pelas decisões e comportamentos inadequados. Como essa criança teve tempo de fazer tudo isso sem nenhuma fiscalização de algum familiar?

Os limites entre normalidade e patologia, entre vandalismo e desequilíbrio, entre impulsividade e transtornos psíquicos são tênues. Precisamos amar mais, olhar mais, cuidar mais, nos doar mais nessa etapa de formação das crianças. É mais fácil culpabilizar o menino, mas talvez isso seja tão ou mais cruel do que o próprio comportamento dele.



Voz da Igreja em São Paulo, Rádio 9 de Julho celebra 25 anos de reabertura

Fotos: Luciney Martins/O SÃO PAULO



CLEIDE BARBOSA
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Na tarde do sábado, 19, ouvintes, funcionários e colaboradores da Rádio 9 de Julho, além dos fiéis da Paróquia Nossa Senhora da Lapa, na Região Lapa, participaram da celebração que recordou os 25 anos de reabertura da emissora da Arquidiocese.

A missa foi presidida pelo Padre Marcos Roberto Pires, Pároco e comunicador da Rádio, e concelebrada pelo Cônego Antônio Aparecido Pereira (Padre

Cido), também comunicador da emissora, e Padre Antônio Roberto Pimenta.

Desde fevereiro, no dia 19 de cada mês, os ouvintes foram convidados a participar da novena preparatória ao Jubileu de Prata de reinauguração da emissora, comemorado neste mês de outubro. Ao final da celebração, Padre Marcos exortou os presentes a apoiarem a emissora que é um sinal da misericórdia de Deus em São Paulo.

COM A PALAVRA, OS OUVINTES

Após a missa, os ouvintes, funcionários e colaboradores participaram de uma confraternização no salão paroquial e houve a ação entre amigos, o “show de prêmios”.

O potiguar Francisco Sandoval, 75, é ouvinte da Rádio desde a década de 1960. Na sua oficina de costura, no bairro do Horto Florestal, na zona Norte, a 9 de Julho ecoa o dia todo. Sorridente, ele comenta que já recomendou a Rádio para os parentes no Rio Grande do Norte.

Maria Cristina de Moraes Coelho, a “Cris do João XXIII” como é conhecida entre os comunicadores, é ouvinte desde 2010 e tem na Rádio uma companhia constante. Nessa interação, fez novas amizades com outras ouvintes, na parti-

lha diária das alegrias e desafios vividos ao longo dos anos, na família estendida da 9 de Julho.

COMUNICAÇÃO AMPLIADA

Com o avanço das tecnologias de comunicação, a Rádio da Igreja em São Paulo continua se reinventando para ser um meio de grande conexão com o ouvinte-internauta, com uma programação que, além de evangelizar, informa e entretém. “Vinha do trabalho, rezando o Terço com o Padre Carlos André e acompanhava o programa de esportes, após o Terço. Essa versatilidade da 9 de Julho faz com que nos adaptemos a esta Rádio”, conta Lourdes Oliveira, moradora de Guarulhos (SP).

De fato, a comunicação entre ouvintes e a emissora foi ampliada a partir da presença nas mídias sociais. A Rádio 9 de Julho coleciona, diariamente, dezenas de casos de ouvintes engajados. De Apucarana, no Paraná, Marlene dos Reis não deixa de começar o dia conectada nas redes sociais para interagir com os programas da manhã. “É uma catequese. Compartilho a Rádio 9 de Julho várias vezes ao dia e cada programa é uma bênção”, afirma.

Por meio da rede social Instagram, a Rádio também tem conseguido novos

ouvintes/seguidores. De acordo com a analista de comunicação digital da emissora, Katia Maderic, comunicadores como os Padres Márlon Múcio e Wagner Scarponi criam conteúdos específicos para essa rede, o que tem elevado o número de seguidores dispostos a conhecer os demais conteúdos da Rádio.

A expansão da comunicação por áudio nos últimos anos tem ainda nos podcasts uma nova maneira de consumo. Boa parte dos conteúdos produzidos para o rádio são disponibilizados nas plataformas, em episódios, para que o ouvinte-internauta da 9 de Julho possa ouvi-los a qualquer tempo e compartilhá-los, como ocorre com o Encontro com o Pastor, comunicação diária do Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano, e o Momento Mariano, com o Padre Zacarias Paiva.

EM TODAS AS PLATAFORMAS

Instagram, Facebook e YouTube: @radio9dejulho
Spotify: Rádio 9 de Julho
Site: <https://radio9dejulho.com.br/>
Aplicativo (IOS e Android): 9 de Julho
AM 1.600 kHz

O SÃO PAULO

www.osaopaulo.org.br

Diariamente, no site do jornal O SÃO PAULO, você pode acessar notícias sobre a Igreja e a sociedade em São Paulo, no Brasil e no mundo. A seguir, algumas notícias e artigos publicados recentemente.

Santa Sé e China: acordo provisório é estendido por mais 4 anos
<https://curt.link/wJiS>

Em novo relatório, ACN aponta o aumento da perseguição aos cristãos em todo o mundo
<https://curt.link/pbpo>

Imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré será trazida a SP no dia 30
<https://curt.link/gKcGU>

Arquivo pessoal



Seminaristas da Teologia recebem suas famílias para dia de confraternização
<https://curt.link/UbaaM>

Família dos Amigos

Nestes 25 anos de reabertura, a Rádio 9 de Julho acendeu luzes tanto nas vidas quanto nos corações de seus ouvintes. Em diversas oportunidades, Valéria Batista, moradora da Vila Sílvia, participou dos encontros da novena comemorativa ao Jubileu de Prata da emissora. Como centenas de outros membros da Família dos Amigos – clube de doadores lançado em 2000 e que ajuda a manter a emissora no ar – Valéria agradece a acolhida que recebe e os programas que a “preenchem mental e espiritualmente”. Ela assegura: “Houve uma mudança maravilhosa em minha vida e dos meus familiares, desde que conheci a Rádio”.

A comunicação com os participantes da Família dos Amigos é

feita por carta mensal, assinada pelo Padre Jorge Silva, Diretor-geral da emissora, e, também, pelas redes sociais e pelo canal de WhatsApp exclusivo da Família dos Amigos: (11) 3932-3393.

Conheça a Família dos Amigos



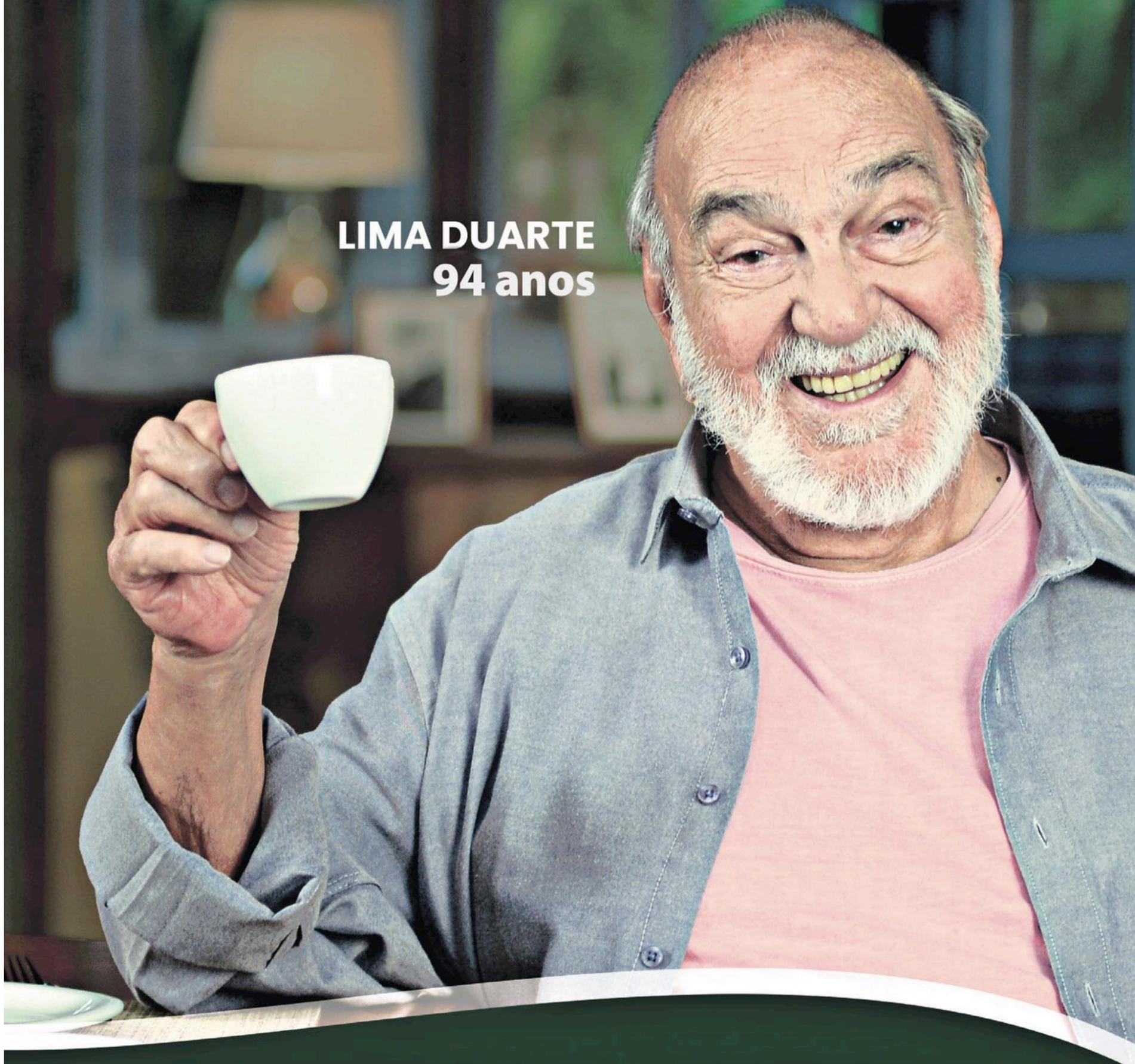
Sete décadas de história

A Rádio 9 de Julho foi criada para transmitir os eventos comemorativos do IV Centenário da cidade de São Paulo, em 1954. Terminados os festejos, a emissora foi concedida à Arquidiocese de São Paulo por Café Filho, presidente da República em exercício. A Rádio operou até 1973, quando seus transmissores foram lacrados por decreto do presidente Emílio Garrastazu Médici. Após um período de 26 anos, e por esforços de toda a Igreja, a Rádio voltou ao ar de forma experimental no dia 19 de março de 1999, passando a operar em definitivo a partir de 23 de outubro do mesmo ano, em AM (Amplitude Modulada) 1.600 kHz.

Ao comemorar seu 25º aniversário de reabertura, a Rádio está integrada aos meios de comunicação da Arquidiocese de São Paulo, com o desafio da adaptação às novas tecnologias e da migração para a FM (Frequência Modulada), mantendo-se identificada como a voz da Igreja em São Paulo.

**SIDNEY[®]
OLIVEIRA**

**LIMA DUARTE
94 anos**



VITALION

Uma linha de vitaminas que melhora a **disposição**,
aumenta a **imunidade** e a **longevidade**.

‘Ide e anunciad o Evangelho’ a todos que estão no território da paróquia

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

Anunciar o Evangelho é um dos focos da missão da Igreja destacados nos eixos da evangelização na Arquidiocese de São Paulo, assim como a celebração da fé e seu testemunho mediante a caridade.

“Sem este anúncio, feito de muitas maneiras, a fé não desperta nem se alimenta, e se extingue”, destacou o Cardeal Odilo Pedro Scherer no encontro que teve com o clero arquidiocesano em abril. Na ocasião, o Arcebispo Metropolitano comentou que contribuem para esse anúncio a pregação, leitura e acolhida da Palavra de Deus, a catequese, a formação cristã e as ações missionárias.

Nesta reportagem, **O SÃO PAULO** apresenta atividades realizadas por três paróquias da Arquidiocese que têm favorecido o anúncio do Evangelho e o despertar da fé.

‘A CAMINHO DE UMA IGREJA EM SAÍDA – É MISSÃO DE TODOS NÓS’

Animados por este tema, entre os dias 11 e 19, os fiéis da Paróquia São Judas Tadeu, no Tatuapé, na Região Belém, estiveram em missão pelo bairro (1ª foto acima). Eles levaram mensagens de esperança, leram a Bíblia, rezaram com aqueles que os acolheram, aspergiram os locais visitados com água benta e convidaram à participação nas missas e nos sacramentos.

“A atividade missionária foi de casa em casa e comércios do perímetro paroquial, batendo nas portas para evangelizar, abençoar, levar conforto e escutar a todos que já participam ou não da Paróquia. Também houve visitas agendadas aos enfermos ou necessitados. Com todo esse movimento de testemunho, de anúncio e de santificação, pretendemos nos manter neste estado de missão a fim de alimentar a fé das pessoas e ter uma Igreja com os pés a caminho, que vai, que convida e que evangeliza”, afirmou Patrícia Manente, uma das idealizadoras da ação e coordenadora do Conselho Missionário Arquidiocesano (Comiar) na Região Belém.

Uma das razões para a missão na Paróquia que atualmente está sob os cuidados da Congregação dos Agostinianos da Assunção, tendo como Pároco o Padre Marcos Lúcio Bento, AA, foi os preparativos para a ordenação diaconal dos religiosos Denis Geraldo Martins Ramalho e Yan Pires da Silva, ocorrida no sábado, 19, e o início da festa do Padroeiro, celebrado em 28 de outubro. Religiosos e leigos assuncionistas de outras paróquias colaboraram com a iniciativa.

Meses antes, foi montada uma comissão paroquial para organizar a iniciativa, definindo o roteiro das visitas – que ocorreram em três períodos do dia – e convidando os paroquianos para a missão.

“Não há palavras para descrever a alegria de sair em missão e a recepção que tivemos das pessoas. Elas nos receberam muito bem, ficaram muito felizes e mui-



Pascom da Paróquia São Judas Tadeu



Pascom da Paróquia São Vito Mártir



Pascom da Paróquia Natividade do Senhor

Missão na Paróquia São Judas; Querigma na São Vito Mártir; e Células na Natividade do Senhor

tas delas se mostraram surpresas pelo fato de a Igreja Católica estar fazendo estas visitas”, comentou Patrícia, citando momentos marcantes como o de comerciantes que pediam para que os missionários também fossem em suas casas e de pessoas em situação de rua que quiseram ter suas ‘casinhas’ de papelão abençoadas.

“Foi emocionante também ver na missa no domingo pela primeira vez algumas pessoas que visitamos dias antes. Esta é uma ação que dá resultado, que chama, que empolga, que alegra o coração das pessoas e leva Jesus Cristo até elas”, concluiu Patrícia.

QUERIGMA: PARA BEM VIVER A FÉ, É PRECISO CONHECÊ-LA MINIMAMENTE

Nas noites de quarta-feira, a Paróquia São Vito Mártir (foto ao centro), no Brás, Região Sé, realiza o Querigma, uma formação desenvolvida pela Comunidade Católica Nova Aliança.

“O participante aprende sobre o amor de Deus, quem é Jesus Cristo, a salvação que Ele nos trouxe, as questões do pecado, o Espírito Santo e a Palavra de Deus como legado da presença do próprio Cristo entre nós”, detalhou o Padre José Ferreira Filho, Vigário Paroquial da Paróquia São Vito Mártir.

“A palavra Querigma vem do grego e significa primeiro anúncio, ou seja, é o primeiro contato que as pessoas vão ter com as realidades referentes a Deus, à Palavra, à Igreja, aos sacramentos. Assim, o Querigma é uma proposta válida também para quem já é batizado, pois muitos estão na caminhada da Igreja, mas não têm muita firmeza sobre o que estão fazendo e o que Deus espera de nós”, prosseguiu o Sacerdote.

A primeira turma na Paróquia foi realizada no ano passado. Em 2024, dez pessoas têm participado assiduamente da formação, que está estruturada em 35 encontros. Em cada um deles é abordado

um tema, faz-se uma pregação e ao final as pessoas recebem indicações para leituras de trechos da Bíblia e do Catecismo da Igreja Católica para fazerem ao longo da semana. No começo do encontro seguinte, os participantes partilham seus entendimentos sobre as leituras e o que a Palavra suscitou-lhes no coração.

“As pessoas que participam dizem que têm sido capazes de viver a fé de uma forma muito mais amadurecida, porque estão tendo um melhor conhecimento a respeito da própria caminhada de fé. Elas sentem não somente uma abertura da mente, mas do coração para as realidades que Deus nos oferece por meio da Igreja e de sua Palavra”, comentou o Padre.

Os encontros semanais, abertos a todos os interessados, têm duração de uma hora e 30 minutos. Um deles é destinado à preparação para a Confissão dos participantes, e outro, à administração do sacramento propriamente dito. No encerramento deste itinerário, há um aprofundamento de um dia inteiro sobre a missa, a fim de explicá-la em detalhes. A Paróquia São Vito Mártir fica na Rua Polignano A Mare, 51, no Brás. O telefone é o (11) 3227-2296.

‘EVANGELIZANDO EM CÉLULAS NO TEMPLO E NAS CASAS’

Desde 2012, a Paróquia Natividade do Senhor (3ª foto de cima para baixo), no Jardim Fontalis, Região Santana, realiza as Células Paroquiais de Evangelização. Atualmente, há 33 células, com média de dez participantes em cada, envolvendo mais de 300 pessoas ao todo.

“As Células de Evangelização são pequenas comunidades e nascem do desejo de ‘sermos Igreja em saída’. O nosso Pároco, Padre Andrés Gustavo Marengo, sempre tem essa preocupação de a igreja estar mais próxima do povo, ver e sentir suas necessidades pastorais, e, dependendo da situação, até mesmo social, ajudando com alimentos, remédios etc”, explicou Fábio Barbosa Ferreira, líder das Células.

A iniciativa tem dois eixos: a Comunhão Eucarística e a Comunhão Fraterna. “Nós nos encontramos na celebração eucarística e sugerimos reuniões quinzenais e/ou mensais nas casas, quando partilharmos a Palavra e fazemos a comunhão fraterna, tendo como base o que está em (Mt 28,19-20) e tentando ao máximo cumprir o mandato missionário de Jesus: ‘Ide e ensinai em todas as nações’. Também nos fundamentamos em At 2,42-47, que retrata a comunidade ideal”, detalhou Fábio.

A Paróquia realiza ainda o Domus – Encontro de Casais de Natividade do Senhor, e quem dele participa é inserido automaticamente nas Células Paroquiais de Evangelização. “Destaco a proximidade e a convivência que as famílias têm, ou seja, é muito comum líderes dizerem que nas Células ganharam famílias, verdadeiros irmãos em Cristo. Nosso lema é ‘Evangelizando em Células no Templo e nas casas’”, concluiu.

Brasil: terra de missão e do testemunho da cooperação missionária entre dioceses

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

No fim de semana dos dias 19 e 20, os católicos brasileiros se uniram às demais paróquias e comunidades do mundo por meio da Coleta Missionária, gesto concreto do Mês das Missões, comemorado em outubro.

Essa arrecadação tem como finalidade promover a evangelização às igrejas e dioceses mais carentes em territórios de missão. Do total dos valores arrecadados, 80% são destinados a dioceses pobres em todo o mundo, por meio do Fundo Mundial de Solidariedade. Os outros 20% são para a ação missionária no Brasil.

De fato, no Brasil, ainda existem muitos lugares que necessitam do envio de homens e mulheres para anunciar o Evangelho. Essa é, inclusive, uma das prioridades do Programa Missionário Nacional, que orienta a atuação das forças missionárias da Igreja no Brasil, estabelecendo o objetivo de “despertar, em maior medida, a consciência da missão *ad gentes* (missão além fronteira) ‘entendida como horizonte e paradigma de toda Ação Evangelizadora, na pastoral ordinária e no envio de missionários para outras regiões e nações”.

CAMPO VASTO

A Comissão Episcopal para a Ação Missionária e Cooperação Intereclesial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) identifica diversos locais no Brasil que ainda são considerados territórios de missão, nos quais a evangelização e a presença da Igreja precisam ser fortalecidas. Os principais contextos são:

Regiões Norte e Nordeste: em estados como Amazonas, Acre, Roraima, Maranhão, Piauí e partes do Ceará e da Paraíba, há populações em situação de vulnerabilidade, e em que a evangelização e a estruturação pastoral continuam em desenvolvimento. Especialmente a região amazônica enfrenta desafios significativos, como a vastidão geográfica, a diversidade étnica e cultural e a dificuldade de acesso a algumas comunidades.

Comunidades de imigrantes e refugiados: são locais onde há concentração de imigrantes e refugiados, que necessitam não apenas de assistência material, mas também espiritual. O mesmo acontece com as **comunidades tradicionais**, nas quais habitam quilombolas, ribeirinhos e populações indígenas. **Territórios rurais** ainda precisam de uma presença pastoral constante, devido à migração da população jovem para as cidades e



Coleta Missionária, feita no domingo, 20, ajuda a Igreja onde há dificuldades para a ação evangelizadora

ao envelhecimento das comunidades. Em algumas cidades, especialmente nas periferias de grandes **centros urbanos**, há comunidades que precisam de maior atenção missionária e evangelizadora.

IGREJAS IRMÃS

Criado há 52 anos, o Projeto Igrejas Irmãs é uma iniciativa CNBB que promove a cooperação missionária entre igrejas de realidades sociais e culturais diferentes. Nesse projeto, as igrejas se tornam “irmãs” e compartilham dons espirituais, humanos e materiais, quando uma diocese ou arquidiocese ajuda financeiramente outra diocese e envia missionários para ali atuarem.

Dom Maurício da Silva Jardim, Bispo de Rondonópolis-Guiratinga (MT) e Presidente da Comissão Episcopal para a Ação Missionária e Cooperação Intereclesial, explica que o projeto Igrejas Irmãs é “uma expressão da maturidade da fé”, elemento presente na encíclica *Redemptoris missio* (1990), de São João Paulo II, que destaca que a missão é uma questão de fé. O Bispo insiste que “a maturidade da fé é quando a Igreja envia pessoas e coopera com outra Igreja mais necessitada”.

O Regional Sul 1 da CNBB, que abrange as dioceses do estado de São Paulo, já enviou mais de 80 missionários, entre padres, religiosas e leigos à região Norte do País. Atualmente, o projeto conta com missionários nas dioceses de Alto Solimões (AM) e Roraima, na Arquidiocese de Manaus (AM) e nas Prelazias de Tefé (AM) e São Gabriel da Cachoeira (AM).

COMUNHÃO E PARTILHA

Um braço eclesial importante no apoio à ação missionária é a Fundação Pontifícia Ajuda à Igreja que Sofre (ACN), organização internacional que auxilia a Igreja Católica em países nos quais há perseguição, opressão religiosa e social, ou onde há necessidade pastoral.

Os projetos apoiados visam a promover a evangelização, o suporte espiritual e material para as comunidades cristãs e o fortalecimento da fé. Um desses exemplos ocorre na Diocese de Cajazeiras, no sertão da Paraíba. Com uma área de 14,5 mil km², a Diocese tem quase dez vezes o tamanho da cidade de São Paulo, mas apenas 80 padres para pastorear todo o povo de Deus. Em média, cada um des-

tes padres é responsável por 7 mil fiéis, espalhados por várias pequenas comunidades.

A situação poderia ainda ser mais difícil se não fosse o trabalho das religiosas. Ao todo, 30 freiras de sete congregações atuam na região. Elas rezam com os fiéis, fazem a formação de preparação aos sacramentos, visitam os doentes e os idosos, organizam e impulsionam o trabalho dos jovens, promovem o apostolado vocacional, realizam cursos bíblicos, dão instrução catequética aos novos catequistas e acompanham famílias em situações difíceis, incluindo o acompanhamento de pessoas com dependência química.

PALAVRA DE DEUS

Na região de Andirá e Marau, no Amazonas, a Igreja realiza um trabalho missionário com a comunidade indígena Sateré-Mawé. Quando o missionário italiano Padre Henrique Uggé chegou à região, em 1972, a comunidade indígena estava reduzida a cerca de 1,2 mil pessoas e corria o risco de extinção por doenças como o sarampo, além da falta de atenção das autoridades civis. O Sacerdote recorda que viajava em pequenos barcos, saindo da imensidão do rio Amazonas até os pequenos igarapés, nos quais apenas uma canoa conseguia passar pelo rio. Agora, são mais de 12 mil indígenas que fortale-

ceram sua cultura e as crianças também são beneficiadas por meio de uma rede de escolas bilíngues. Ele conta com o trabalho de sete catequistas locais que o ajudaram a traduzir a edição “Bíblia da Criança”, publicada pela ACN, em língua Sateré-Mawé.

“Todos gostamos de ouvir, ler e meditar a Palavra de Deus em nossa própria língua, em nosso próprio contexto cultural e histórico”, destaca o missionário, acrescentando que os Sateré-Mawé agora podem ouvir as leituras da missa também em sua língua indígena, facilitando a animação catequética das novas gerações.

Dom Maurício da Silva Jardim reforça que ninguém pode esquecer que, na Igreja, todos são cooperadores da única missão de Jesus Cristo, sendo essa mais do que uma dimensão ou atividade. “A missão é a natureza da Igreja, sua identidade. A Igreja é missão. A vida é missão. A Igreja do Brasil está empenhada nesse propósito, sendo a formação das comunidades eclesiais missionárias, chamadas a ter a missão como eixo fundamental, uma prioridade da Igreja no Brasil”, completou.

(Com informações de CNBB e ACN Brasil)

Dom Gil Moreira celebra 25 anos de episcopado e enaltece a misericórdia de Deus em sua vida

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

No sábado, 19, Dom Gil Antônio Moreira, Arcebispo de Juiz de Fora (MG), presidiu a missa em ação de graças pelos 25 anos de sua ordenação episcopal. A celebração ocorreu na Catedral Metropolitana de Santo Antônio, e foi concelebrada por diversos bispos, entre os quais o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo, que



Dom Gil Moreira ao lado de Dom Odilo e de Dom João Justino, Arcebispo de Goiânia (GO)

proferiu a homilia, e Dom João Justino de Medeiros Silva, Arcebispo de Goiânia (GO) e 1º Vice-Presidente da CNBB.

Ordenado ao episcopado em 16 de outubro de 1999, Dom Gil foi Bispo Auxiliar da Arquidiocese de São Paulo durante cinco anos, depois permaneceu por igual período como Bispo de Jundiá (SP) e, há 15 anos, está à frente da Arquidiocese de Juiz de Fora.

Durante a homilia, Dom Odilo recordou a trajetória de Dom Gil e fez memória às graças que o jubilando recebeu em seu ministério episcopal. O Cardeal lembrou, ainda, que ambos colaboraram com o Cardeal Cláudio Hummes, então Arcebispo de São Paulo, como bispos auxiliares.

OFÍCIO DE AMOR

O Arcebispo de São Paulo também fez referência ao lema episcopal de Dom Gil, “*Scis amo te*” (Sabes que eu te amo), extraído das palavras de São Pedro a Jesus ressuscitado, que indaga três vezes se o apóstolo O ama (cf. Jo 21,17). Em seguida, o Senhor o convida a apascentar o seu rebanho.

“O episcopado, mais do que uma honra, é um serviço. Assim, o texto da ordenação episcopal: o bispo deve distinguir-se mais pelo serviço prestado do que pelas honrarias recebidas. Santo Agostinho dizia que o serviço episcopal é um ‘serviço de amor’... É ofício de amor, é dedicação de todo o coração, dia e noite, 24 horas por dia, também enquanto dorme, 365 dias por ano. Ofício de amor, de entrega total, é vocação, portanto, de doação da vida ao serviço de Deus, como o profeta Jeremias, como Pedro, como os demais apóstolos, como tantos fizeram ao longo da história”, continuou Dom Odilo.

Por fim, o Cardeal Scherer cumprimentou Dom Gil pelos 25 anos de episcopado, “exercidos com muito amor e dedicação, sem reserva à missão que lhe foi confiada”.

“Que Deus o cubra de bênçãos e o recompense. Relembro as palavras da ordenação episcopal, mais uma vez, no final das perguntas que são feitas ao sacerdote que está sendo ordenado bispo: ‘Deus que te inspirou este bom propósito, te conduza sempre mais à perfeição’”, concluiu Dom Odilo.

Dom Gil expressou sua alegria ao completar um quarto de século de grandes bênçãos e agradeceu a trajetória percorrida até o momento. “Olhando para trás, podemos ver quanta misericórdia que Deus tem para conosco, quanta bondade experimentamos nesse caminhar. Ser bispo é ser representante de Jesus Cristo, sucessor dos apóstolos. Jesus quis que os apóstolos evangelizassem e fossem para o mundo inteiro. E é isso que Ele entrega quando somos eleito bispo. Então, estou muito feliz!”, afirmou.

(Colaborou: Monalisa Lima - Arquidiocese de Juiz de Fora)



JUBILEU 2025

CALENDÁRIO GERAL

DEZEMBRO 2024

24 Dezembro
Abertura da Porta Santa da Basilica de São Pedro



MAIO 2025

1-4 Maio
Jubileu dos Trabalhadores

4-5 Maio
Jubileu dos Empresários

10-11 Maio
Jubileu das Bandas Musicais

12-14 Maio
Jubileu das Igrejas Orientais

16-18 Maio
Jubileu das Irmandades

30 Maio - 1 Junho
Jubileu das Famílias, das Crianças, dos Avós e dos Idosos



JULHO 2025

28 Julho - 3 Agosto
Jubileu dos Jovens

SETEMBRO 2025

15 Setembro
Jubileu da Consolação

20 Setembro
Jubileu dos Operadores de Justiça

26-28 Setembro
Jubileu dos Catequistas

OUTUBRO 2025

4-5 Outubro
Jubileu do Mundo Missionário

4-5 Outubro
Jubileu dos Migrantes

8-9 Outubro
Jubileu da Vida Consagrada

11-12 Outubro
Jubileu da Espiritualidade Mariana

31 Outubro - 2 Novembro
Jubileu do Mundo Educativo



JUNHO 2025

7-8 Junho
Jubileu dos Movimentos, Associações e novas Comunidades

9 Junho
Jubileu Santa Sé

14-15 Junho
Jubileu do Desporto

20-22 Junho
Jubileu dos Governantes

23-24 Junho
Jubileu dos Seminaristas

25 Junho
Jubileu dos Bispos

25-27 Junho
Jubileu dos Sacerdotes

NOVEMBRO 2025

16 Novembro
Jubileu dos Pobres

22-23 Novembro
Jubileu dos Coros

DEZEMBRO 2025

14 Dezembro
Jubileu dos Reclusos

www.iubilaeum2025.va


@iubilaeum25.va

VISITE O SITE

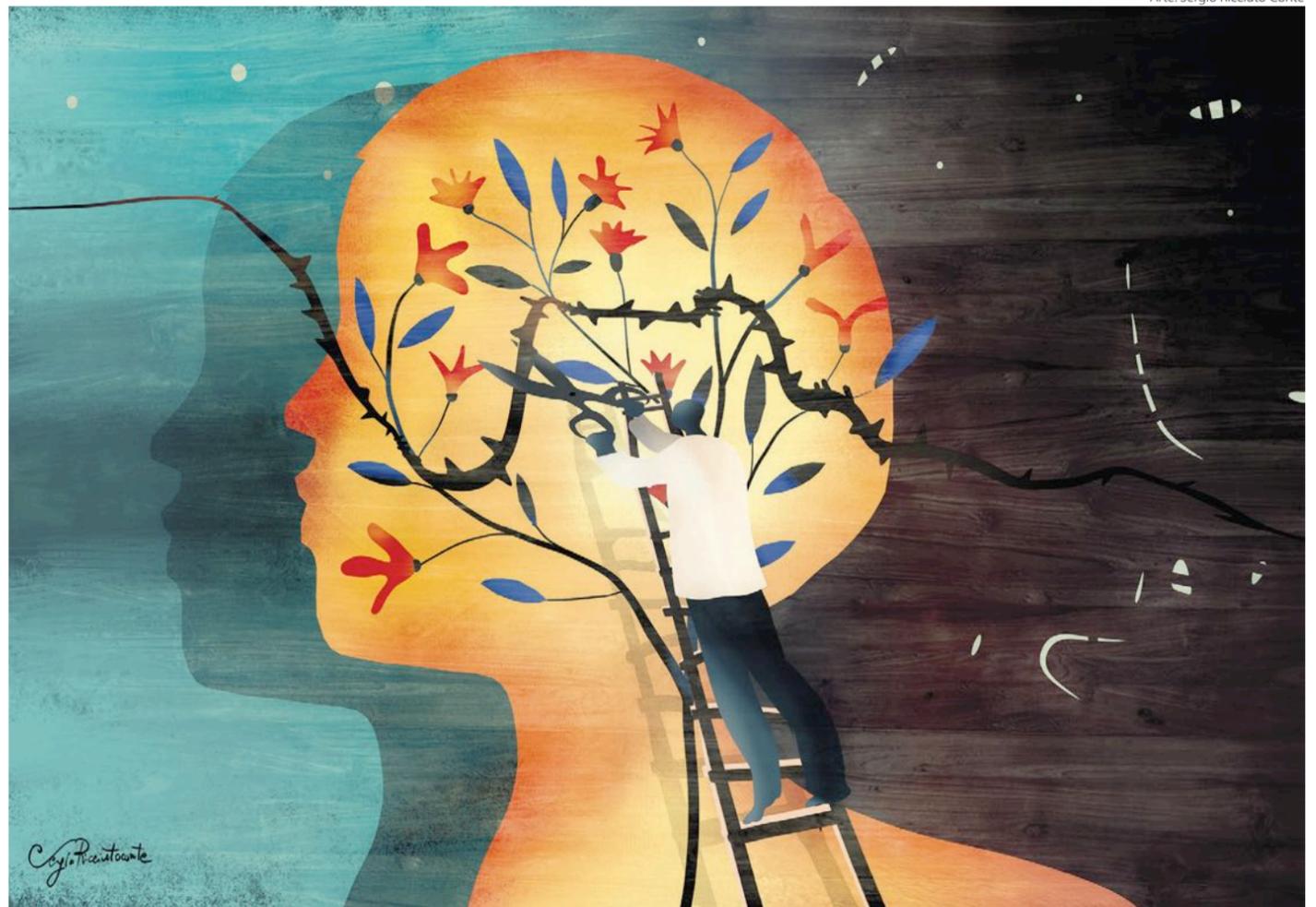


Use o QRCode para
acessar o Caderno
Fé e Cidadania
na internet, com
mais artigos e links
citados.

A defesa da vida e os desejos mais profundos de nosso coração

Francisco Borba
Ribeiro Neto*

No Brasil, a partir de uma iniciativa da CNBB, de 2005, o mês de outubro é tradicionalmente dedicado à defesa da vida. Assim, nesta edição do Caderno Fé e Cidadania, nos debruçamos sobre este tema, sob um enfoque menos frequente. Perguntamo-nos: Qual seria a postura humana mais capaz de se abrir para a defesa da vida? Como estimular essa postura em nossos dias? A resposta a essas perguntas nos leva a um percurso, que começa da compreensão da nossa experiência humana, dos desejos mais profundos de nosso coração, até a acolhida concreta às pessoas em dificuldade. Um percurso que precisa, cada vez mais, ser iluminado pela fé.



Arte: Sergio Ricciuto Conte

A defesa da vida não é uma luta “confessional”. Todos os dias damos conta de como tendemos naturalmente a nos alegrarmos com as crianças, a nos enternecermos com nascituros mostrados em imagens de ultrassom, a planejarmos nossas vidas em função de nossos filhos, a nos comovermos com a sobrevivência dos idosos, a sentirmos empatia com as dores dos que sofrem e dos que estão às portas da morte. Todas essas vivências cotidianas nos mostram o quanto o amor e a defesa da vida correspondem à nossa natureza. Descobrimos a nossa própria humanidade diante da fragilidade da vida e da necessidade de acolhê-la e protegê-la.

Se é assim, por que a chamada “cultura da morte” se expandiu tanto em nossos tempos? Que estranha barbárie é essa que faz com que nossa civilização, cada vez mais sofisticada e, aparentemente, autoconsciente, negue cada vez mais as nossas experiências mais humanas? Muitos sábios cristãos, particularmente ao longo do século XX, apontaram o problema. Segundo São João Paulo II (cf. *Evangelium vitae*, EV 22), o eclipse do sentido de Deus leva ao eclipse do sentido de nossa própria humanidade.

De fato, a luta pela vida não é

confessional, está inscrita em nossa humanidade. Mas essa humanidade não se manifesta mecanicamente em nossa vida. Somos seres livres e contraditórios, precisamos empenhar adequadamente nossa liberdade para realizar plenamente nossa humanidade... Esse empenho pode acontecer na vida de qualquer ser humano. Contudo, como observa Bento XVI no início da Conferência de Aparecida:

Defesa da vida, beleza e esperança

Há uma grande luta da Igreja pela vida [...] Parece-me que na base destas legislações [que propõem o direito de abortar] haja por um lado um certo egoísmo e, por outro, uma dúvida sobre o futuro. E a Igreja responde sobretudo a estas dúvidas: a vida é bela, não é algo duvidoso, mas é um dom e também em condições difíceis a vida permanece sempre um dom. Portanto, voltar a criar esta consciência da beleza do dom da vida. E depois, outra coisa, a dúvida do futuro: naturalmente, há

“Onde Deus está ausente, o Deus do rosto humano de Jesus Cristo, estes valores não se mostram com toda a sua força, nem se produz um consenso sobre eles. Não quero dizer que os não crentes não podem viver uma moralidade elevada e exemplar; digo somente que uma sociedade na qual Deus está ausente não encontra o consenso necessário sobre os valores morais e a força para viver segundo a

pauta desses valores, também contra os próprios interesses” ([Discurso na sessão inaugural da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe](#)).

O encontro com Cristo desperta nossa humanidade, tantas vezes adormecida diante do cotidiano banalizado, das esperanças perdidas, dos sofrimentos e das injustiças. Quem olha, com coração sincero, para o mais íntimo de seu ser, descobre que optar pela vida é a posição mais condizente com seus desejos mais profundos. A realização da pessoa não coincide obrigatoriamente com a ausência da dor, mas sim com um amor que consegue ser maior do que a própria dor.

Tal amor não pode nascer da posição voluntarista e autocentrada típica de nossa cultura. Ele só pode nascer como resposta a um amor maior, um amor que, segundo o sugestivo neologismo do Papa Francisco (*Evangelii gaudium*, EG 24), nos “primeira”, isso é, vem primeiro, nos alcança antes. Descobrir e anunciar esse amor é a forma mais radical, no sentido de estar nas origens, de uma verdadeira “cultura da vida”.

* Editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do O SÃO PAULO.

A experiência na qual nos reconhecemos como pessoas

Dalton Luiz
de Paula Ramos*

Quando o tema de reflexão é a pessoa humana, como acontece na bioética, tratamos de uma realidade que cada um de nós já conhece de alguma forma, pois cada um de nós é pessoa. Mas o que significa ser pessoa? Como podemos conhecê-la, superando a subjetividade de cada um e criando uma visão compartilhada e coerente? As ciências, tais como a Biologia, a Medicina, a Sociologia ou a Psicologia, podem e devem ser empregadas, mas não são suficientes. Não é, por exemplo, a genética ou a fisiologia que me dizem quem sou eu. Também existem muitos conceitos de pessoa espalhados pela Filosofia, pela teoria do Direito e pelas Ciências Humanas – mas que não chegam a um consenso.

Intuímos que ser pessoa vem antes de ser cidadão. Enquanto a dignidade e os direitos do cidadão dependem do corpo social e da submissão do indivíduo às normas da sociedade, a pessoa tem dignidade e direitos inerentes a seu existir. Qual será essa experiência que nos leva a perceber essa dignidade que não depende de nossas ações nem nos pode ser tirada; que antecede, inclusive, nosso pertencer a um corpo social?

A experiência elementar. Conhecemos a realidade a partir de nossas experiências e da elaboração intelectual que fazemos delas. Contudo, vivenciamos muitas coisas sem percebermos seu significado – por exemplo, só nos damos conta da importância da respiração quando nos falta o ar. A experiência implica, pois, uma inteligência do sentido das coisas, de sua relação com a totalidade de nossa vida, de nosso destino.

Se observamos com atenção para nós mesmos e para aqueles que nos cercam, veremos que existe uma “experiência elementar” que está na base de todo gesto ou posicionamento humano: são exigências (como a de felicidade e justiça) e evidências fundamentais (como a própria existência e a da realidade). Esse ímpeto original está na base tanto da religiosidade (GIUSSANI, L. *O senso religioso*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2023) quanto de toda a interioridade humana (cf. MAHFOUD, M. *Experiência elementar em psicologia: aprendendo a reconhecer*. Brasília: Universa, 2012).

Em sala de aula. Não é o propósito aqui fazer aprofundamentos teóricos. Prefiro exemplificar mostrando como costume apresentar essa ques-

O que está em jogo nas grandes questões que interessam à bioética não se resolve somente com um eficaz acesso à informação científica. É necessário sempre resgatar o significado do que vem a ser a pessoa humana em todo o seu valor e dignidade. Buscar conhecer a integralidade da experiência de ser pessoa é um aspecto central na reflexão bioética.



A ciência e a caridade (Picasso, 1897). O médico diagnostica o doente, sem olhar para ele, enquanto a freira lhe oferece chá e carrega seu filho: a complementariedade entre ciência e amor, necessária para a justa compreensão do sofrimento humano.

tão a meus alunos na universidade. Existe, na prática clínica dos profissionais de saúde, uma tendência de desnivelamento e poder entre eles e seus pacientes, levando a situações de distanciamento e/ou instrumentalização – no jargão da bioética, de desumanização.

Como, enquanto professor de bioética, posso ajudar a despertar um respeito verdadeiro – que não esteja à mercê de um sentimento, ainda que generoso e prudente, ou de um instante passageiro – mas que nasce do fato do outro ser uma pessoa, irreduzível a opiniões, reações ou vontades? Provocando os meus alunos a julgar tudo a partir das exigências do próprio coração, suscitando sua “experiência elementar”. Não se trata de apontar para um sentimentalismo, uma emotividade, que poderia receber muitas críticas. Trata-se de resgatar experiências, mesmo que intuitivas, do significado antropológico, ontológico, do que significa ser pessoa humana.

Costumo propor aos estudantes um problema: como deve agir um profissional da saúde que diagnostica em seu paciente uma doença grave, que implica em tratamentos invasivos e dolorosos, de risco, como cirurgias ou quimioterapias? Os alunos, imbuídos das melhores intenções, propõem que o profissional seja atencioso e

esclareça adequadamente o paciente, oferecendo-lhe todas as informações necessárias para entender a doença e o tratamento proposto.

Nesse ponto, proponho um aditivo ao problema: mesmo esclarecido, o paciente declara que se recusa a se submeter a tais tratamentos. Os alunos, então, falam em insistir com os argumentos, mas, se ele continuar não concordando, concluem que o profissional tem de respeitar a opinião do paciente. Cada um seguirá seu caminho, afinal existem muitos outros pacientes a serem atendidos, e o profissional já fez sua parte.

Nessa etapa da discussão, incorporo um terceiro elemento: o paciente não deverá ser concebido como uma pessoa qualquer, mas como um parente ou um amigo muito querido. Além disso, o aluno deverá se imaginar como o profissional da questão. E aí se instala o caos na sala de aula. Surgem comentários do tipo: “não sei como lidar com essa situação” ou “melhor que procure outro profissional”. Inseguranças à parte, destaco para os alunos que, a partir do reconhecimento do outro em um rosto que identifico com as minhas próprias experiências de vida, a realidade revela-se em outra dimensão, muito mais abrangente.

Surge um inevitável incômodo, pois não se pode deixar de reconhe-

cer nesse outro (paciente, parente ou amigo) um valor e uma dignidade diante da qual já não posso mais aceitar, com a mesma passividade, a eventual recusa ao tratamento. Crescerá o empenho nos mesmos processos anteriormente indicados, como o esforço em explicar e esclarecer. Os alunos não conseguem mais ficar indiferentes aos desdobramentos da recusa do paciente em aderir ao tratamento.

Mesmo tratando-se de um exercício teórico, quero que meus alunos aprendam a julgar tudo tendo como critério a própria experiência. A realidade se torna evidente na experiência. Partamos, para um segundo passo.

O embrião e toda a realidade. Uma das mais debatidas e importantes questões da bioética é “o que é o embrião?”. Somente um aglomerado de células, que podemos eliminar ou usar para múltiplas finalidades, até mesmo para salvar outras vidas humanas? Ou uma nova vida humana, cuja dignidade se deve respeitar e proteger?

A ciência pode descrever os diferentes momentos da vida do embrião, informando-nos sobre os fenômenos biológicos – e é bom que assim o faça, porque nos permite diagnósticos precoces e intervenções terapêuticas. No entanto, com base nessas informações, podemos apenas conhecer aspectos dessa realidade, que se chama embrião humano, mas não podemos, só com elas, interpretar o que vem a ser verdadeiramente o embrião. Podemos entender um pouco como ele é, mas só com isso, não podemos dizer qual é seu significado, a verdade sobre ele. E essa realidade, o embrião humano, não pode prescindir dos significados oriundos de fontes diversas da científica, como os valores que lhe são atribuídos.

Encontraremos, é claro, uma diversidade de opiniões e concepções. As mais consistentes serão aquelas que incorporarão, em suas considerações, o maior número de fatores envolvidos e que não se deterão em um ou outro aspecto. Para conhecer a realidade de forma realmente humana, não basta a ciência, precisamos da interpretação que só podemos fazer a partir das mais profundas experiências humanas, do envolvimento do nosso “coração”.

* Professor Titular de Bioética e presidente da Comissão de Ética da USP; Ex-Membro da Pontifícia Academia Pro Vita do Vaticano (2003 a 2023)

O eclipse do sentido de Deus e do ser humano

Reivindicar o direito ao aborto, ao infanticídio, à eutanásia, e reconhecê-lo legalmente, equivale a atribuir à liberdade humana um significado perverso e iníquo: o de um poder absoluto sobre os outros e contra os outros. Mas isto é a morte da verdadeira liberdade: “Em verdade, em verdade, vos digo: todo aquele que comete o pecado é escravo do pecado” (Jo 8, 34).

Quando se procuram as raízes mais profundas da luta entre a “cultura da vida” e a “cultura da morte”, não podemos nos deter nesta noção perversa de liberdade. É necessário chegar ao coração do drama contemporâneo: o eclipse do sentido de Deus e do ser humano, típico de um contexto social e cultural dominado pelo secularismo [...] Perdendo o sentido de Deus, tende-se a perder também o sentido do ser pessoa, da sua dignidade e da sua vida; por sua vez, a sistemática violação da lei moral, especialmente na grave matéria do respeito à vida humana e à sua dignidade, produz uma espécie de ofuscamento progressivo da capacidade de ver a presença vivificante e salvífica de Deus [...]

“Sem o Criador, a criatura não subsiste [...] Se esquece Deus, a própria criatura se obscurece” (*Gaudium et spes*, GE 36). O ser humano não mais consegue perceber-se como “misteriosamente outro” face às diversas criaturas terrenas; consi-

São João Paulo II na Evangelium vitae (EV 21-22) nos mostra como a “cultura da morte” nasce da perda do sentido de Deus e da capacidade de mergulhar a fundo na própria experiência humana.

dera-se apenas como um de tantos seres vivos, como um organismo que, no máximo, atingiu um estado muito elevado de perfeição. Fechado no estreito horizonte da sua dimensão física, reduz-se de certo modo a “uma coisa”, deixando de captar o caráter “transcendente” do seu “existir humano”. Deixa de considerar

a vida como um dom esplêndido de Deus, uma realidade “sagrada” confiada à sua responsabilidade e, conseqüentemente, à sua amorosa defesa, à sua “veneração”. A vida torna-se simplesmente “uma coisa”, que ele reivindica como sua exclusiva propriedade, que pode plenamente dominar e manipular.

Diante da vida que nasce e da vida que morre, a pessoa já não é capaz de se deixar interrogar sobre o sentido mais autêntico da sua existência, assumindo com verdadeira liberdade estes momentos cruciais do próprio “ser”. Preocupa-se somente com o “fazer”, e, recorrendo a qualquer forma de tecnologia, busca programar, controlar e dominar o nascimento e a morte. Estes acontecimentos, em vez de experiências primordiais que requerem ser “vividas”, tornam-se coisas que se pretende simplesmente “possuir” ou “rejeitar”.

Detalhe da obra “Criação de Adão Capela Sistina” de Michelangelo



Bioética, autonomia e liberdade como satisfação total

Giampiero Aquila*

Estamos em um ano olímpico e os heróis que nos foram oferecidos como modelos de vida são aqueles que, com o seu esforço, alcançaram o sucesso, obtendo uma medalha. Quem não chegou será esquecido, só os vencedores ficam nos livros da história do esporte!

Como observa Byung-Chul Han, em *A sociedade do cansaço* (Petrópolis: Vozes, 2015), a busca frenética pelo sucesso é a grande escravidão do nosso tempo. Nisso encontramos um aspecto importante e verdadeiro da nossa vida: a necessidade de nos colocarmos em condições de alcançar a meta do nosso desejo, seja ele grande ou seja pequeno, é uma necessidade de todos – todos queremos ser felizes e atingir a meta também significa eliminar ou superar o que atrapalha, e isso implica em ter autonomia, que é entendida como ditar as próprias regras, sem depender de nada nem de ninguém.

Na bioética, a palavra autonomia indica, por um lado, a capacidade de tomar decisões e, por outro, o direito de ter respeitada a própria vontade em relação a si mesmo. Aqui reside o ponto delicado, porque não somos indivíduos isolados, mas pessoas consti-

O princípio da autonomia é central no debate contemporâneo sobre a vida, mas o pensamento contemporâneo tem muitas vezes reduzido a sua aplicação a uma espécie de “direito ao capricho”, não ousando abordar a necessidade original de satisfação total que faria frutificar o anseio de liberdade. Trata-se de um ponto de tensão para o pensamento moderno e pós-moderno, que pode levar a um diálogo construtivo com a tradição cristã.

tivamente em relação com as outras, dependente delas em muitos aspectos e muitas delas dependendo de nós e de nossas decisões.

No debate sobre a vida, este ideal de autonomia é central. É invocado para o direito ao aborto e a maternidade é, por vezes, vista como um limite à autonomia da mulher para decidir sobre o seu destino nas mesmas condições de que os homens. É invocado quando se trata de fim de vida, uma vez que a extrema dependência dos doentes terminais ou pessoas com deficiência é considerada motivo suficiente para invocar uma morte “digna”.

Estamos diante de um paradoxo que exige um novo passo explicativo. Para que seja plenamente afirmada, a autonomia exige a ausência de condicionamentos internos e externos; mas um sujeito totalmente independente

não teria história nem pertencimento, nem pai nem mãe, nem ideal a propor. Seria um sujeito sem identidade, “líquido”, segundo a famosa metáfora de Zygmunt Bauman, em seu livro *Modernidade líquida* (Rio de Janeiro: Zahar, 2015).

Para superar este paradoxo, devemos ampliar a ideia da pessoa como sujeito isolado e, portanto, repensar a liberdade em conexão com a responsabilidade. A pessoa não é apenas um sujeito que mede as coisas a partir de uma opinião pessoal ou de um apetite momentâneo (um sujeito autorreferencial como diria o Papa Francisco), mas é muito mais: a pessoa, se a observarmos em ação, é uma necessidade do infinito; sua libertação coincide com a satisfação de um desejo que é infinito, mas que ela não tem, dentro de si, a capaci-

dade de realizar, pois vive sempre nos limites das circunstâncias.

A verdadeira autonomia se descobre, então, na ousadia de sustentar essa tensão até o fim e não se contentar com a satisfação dos caprichos. Paradoxalmente, a verdadeira autonomia coincide com a dependência do infinito.

As circunstâncias, os nossos limites e os dos outros não representam, portanto, uma objeção à autonomia, mas uma oportunidade para aprofundar o significado do estar no mundo, para nós e para os outros.

A tradição cristã, em particular da Igreja, representa a expressão mais clara desse anseio que a modernidade descobriu e colocou em primeiro plano e que, na sua evolução, muitas vezes traiu, fechando a razão sobre si mesma, conduzindo muitas vezes a ações violentas. É como se a Igreja dissesse ao mundo: “Não tema o seu desejo, não o reduza, pois a resposta existe, o infinito veio ao encontro do homem!”.

* Doutor em Filosofia pela Universidade Católica do Sacro Cuore de Milão, Itália, com especialização em Psicologia pela mesma universidade. Pesquisador da Divisão de Estudos de Família e Gênero do CISAV (Centro de Investigación Social Avanzada, Querétaro, México)

A defesa da vida e o desejo no nosso coração

Francisco Borba Ribeiro Neto*

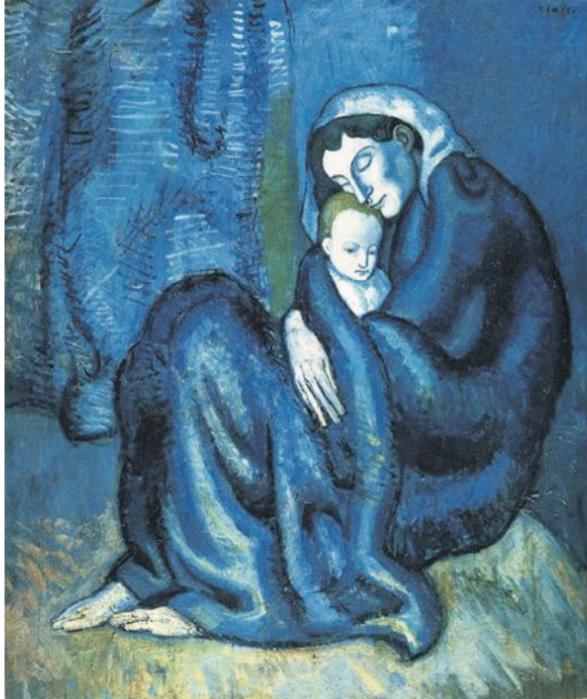
Se uma mulher muito querida de nossa família, uma filha, irmã, esposa..., sofresse um estupro e engravidasse, o que desejaríamos para ela? Nos debates que acontecem na sociedade, são ofertadas duas opções, abortar ou não abortar, quando muito uma terceira opção no caso de dar ou não a criança para adoção. Objetivamente, são estas as opções. Todas elas, porém, nos deixam com um gosto amargo na boca: nenhuma delas parece corresponder plenamente às exigências mais profundas de nosso coração. Queremos algo mais, procuramos um bem maior, mas qual seria?

Para um justo discernimento sobre aquilo que verdadeiramente nos faz felizes, que verdadeiramente nos realiza, temos que aprender a comparar tudo com as exigências mais profundas de nosso ser, com aqueles grandes desejos que nascem do mais íntimo de nosso coração. Na prática, não costumamos fazer essa comparação. Por comodismo, medo da desilusão, atração por objetivos mais palpáveis, influência da mídia, nos conformamos com a satisfação de desejos imediatos e parciais – que podem até ser bons e justos, mas não correspondem à sede de amor e plenitude que se aninha em nosso ser. Nos momentos mais dramáticos da vida, contudo, só nossas exigências mais fundamentais parecem fazer sentido, ainda que nós muitas vezes, desorientados pela banalidade do cotidiano, não saibamos nem mesmo formulá-las.

Essa confusão, essa desorientação, é a responsável pela indefinição da resposta à pergunta acima formulada. O que desejaríamos para aquela mulher tão amada, tão profundamente ferida? No fundo de nosso ser, o que desejaríamos é a possibilidade de superação de toda dor, que o dia fatídico pudesse ser apagado da história do mundo ou, algo aparentemente tão impossível quanto isso: que do mal pudesse nascer o bem, que a ressurreição pudesse vir após a cruz, que a ternura de um

O que o ser humano mais deseja, no fundo de seu coração, é uma acolhida à vida, cheia de ternura. Mas, nos momentos mais difíceis e sofridos, como esse desejo pode se manifestar?

Reprodução da obra "Mãe e criança" de Pablo Picasso



Picasso, *Mãe e criança* (1902)

amor maior fosse capaz de preencher totalmente o coração ferido daquela mulher e o futuro incerto de sua criança.

Bento XVI, perguntado sobre o direito ao aborto, respondeu que a grande questão era a capacidade de fazer renascer a esperança no futuro e a consciência da beleza da vida – e que essa era a mensagem importante dada pela Igreja (cf. [entrevista na volta de sua viagem ao Brasil para a Conferência de Aparecida](#), 09/05/2007). Na *Gaudium et spes* (GS 22) é dito que só Cristo nos revela plenamente a nós mesmos. Aqui, temos um exemplo cla-

ro disso: diante de uma situação dramática, nosso coração anseia por um amor infinito e reparador, algo realmente impossível para a capacidade humana, uma exigência que só conseguimos formular à luz de uma Presença que experimentamos de maneira concreta, ainda que misteriosa, e que nos corresponde plenamente.

Esse verdadeiro milagre não acontece como passe de mágica ou êxtase intimista. Mesmo que se manifeste de forma surpreendente, inesperada, ele acontece por meio de uma companhia humana, por meio da qual Deus nos acolhe e nos ensina a descobrir Sua presença, nos sinais concretos que Ele nos dá cotidianamente. A vida em comunidade é o espaço óbvio para esse aprendizado, mas a radical acolhida daqueles que sofrem, daqueles que precisam ser amados de forma prática e concreta, é o *locus* da lição mais radical e profunda desse aprendizado.

Em muitas obras sociais, se realiza essa acolhida cheia de amor para com a gestante e seu filho. Aqueles que passam por essa experiência, acolhendo ou sendo acolhidos, podem testemunhar como o fato de ser amado e acolhido permitiu a muitas mães a possibilidade de terem seus filhos, nas condições mais dolorosas e difíceis, e serem felizes porque na dor encontraram esse Amor maior.

As legislações em defesa da vida são justas e necessárias, mas precisamos de mais, se queremos encontrar as formas mais humanas de defender a vida. Matar o nascituro não responde ao desejo mais profundo do coração da mãe e daqueles que a amam, mas ela precisa encontrar um amor que a acolha, que a ajude a superar as dificuldades, as suas imensas dores e sofrimentos, tenham essas a origem que tiverem, para poder manter essa gravidez até o fim, com esperança e confiança na beleza da vida. O respeito a uma justa norma ética (a defesa da vida em todas as condições) acarreta um necessário anúncio do amor que acolhe tanto no plano material quanto no afetivo e no espiritual.

*Editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do O SÃO PAULO.

Livros

Uma posição humana capaz de acolher incondicionalmente a vida

Redação

A defesa da vida, em nossos tempos, implica em grandes embates de caráter político e legal. Contudo, em seu fundamento e em sua universalidade, trata-se de uma questão de acolhida – acolhida à vida que chega, à vida que se vai, à vida sofrida e violentada, à vida que perdeu tudo. Uma sociedade ideal, em que todos praticássemos a acolhida incondicional a toda a vida, não comportaria a “cultura da morte”.

A acolhida e a hospitalidade estão profundamente arraigadas no coração humano. Encontramos suas manifestações nas mais diferentes culturas, das sociedades tribais ao mundo globalizado. Mas, nas situações-limite, quando aquele que chega – ou mesmo aquele que já está entre nós, mas enfrenta um momento de fragilidade – parece nos incomodar ou nos ame-

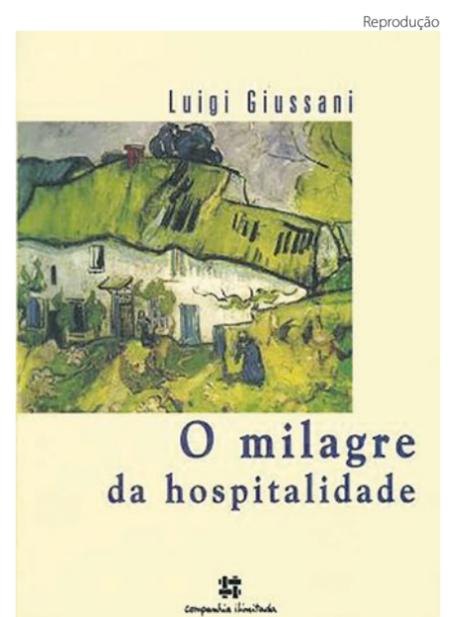
Em uma sociedade na qual muitas vezes é invocada maior qualidade de vida, raramente vem à tona aquele elemento fundamental que permite à vida ser vivida: a acolhida. Em tal contexto, se torna ainda mais fundamental recuperar as motivações espirituais mais profundas da acolhida.

çar, o individualismo e a autodefesa parecem muitas vezes falar mais alto. Nesses momentos, a acolhida precisa de um outro fundamento para determinar nossa conduta e até o modo de ser da sociedade.

Os mosteiros beneditinos, pedras fundamentais da reconstrução da civilização europeia no início da Idade Média, se orientam pela Regra de São Bento, que preconiza: “Todos os hóspedes que chegarem ao mosteiro sejam recebidos como Cristo, pois Ele mesmo dirá: ‘Fui hóspede e me recebestes’ [...] O Abade deve se lembrar de que, no juízo final, será questionado sobre

a maneira como tratou os hóspedes” (Capítulo 53). A acolhida incondicional é a maior imitação do amor de Deus que o ser humano pode viver. A acolhida é a realização em grau supremo da caridade, do reconhecimento de Cristo, de Deus que nos amou. Acolhemos porque somos acolhidos; amamos porque somos amados.

O *milagre da hospitalidade* traz conversas entre o sacerdote italiano Luigi Giussani e os membros das Famílias para a Acolhida, uma rede de famílias que se apoiam mutuamente em experiências de acolhimento familiar, tais como adoção, guarda com-



GIUSSANI, Luigi. *O Milagre da Hospitalidade*. São Paulo: Editora Companhia Ilimitada, 2006.

partilhada, hospitalidade e cuidado com idosos, doentes e pessoas com deficiência. Nesses diálogos, se evidencia uma posição humana diversa daquela hegemônica em nossa sociedade, não só capaz de acolher à vida em suas ameaças mais extremadas, mas também no contexto mais trivial da experiência cotidiana das famílias.

Direção espiritual: um itinerário para se alcançar a santidade

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

“A pessoa que não é acompanhada na vida cria bolor na alma, bolor que depois a molestará com doenças, solidões torpes, tantas coisas ruins. É preciso ser acompanhado, esclarecer as coisas, repassar as moções espirituais de modo que alguém ajude a entendê-las, ajude a ver o que o Senhor quer com isso, ver onde está a tentação”.

Essa é a resposta que o Papa Francisco deu, em 24 de outubro de 2022, em um colóquio com um grupo de seminaristas e sacerdotes de Roma, quando foi perguntado sobre por que realizar direção espiritual. Na catequese de 4 de janeiro de 2023, o Pontífice voltou ao tema, afirmando que o acompanhamento espiritual “é uma condição indispensável para o discernimento. Olharmos no espelho sozinhos nem sempre ajuda, pois podemos alterar a imagem. Ao contrário, olhar no espelho com o auxílio de outra pessoa, isto ajuda muito, pois o outro diz-te a verdade – quando é verdadeiro – e assim ajuda-te”.

A Igreja não obriga que seus leigos, ministros ordenados e religiosos consagrados façam direção espiritual, mas a recomenda a todos, seja aos que já caminham na fé, seja aos que estão no processo de conversão.

“A direção espiritual é a arte e ciência auxiliar à ação do Espírito Santo – que é o verdadeiro e próprio diretor das almas – para conduzir a pessoa progressivamente, desde o começo da vida espiritual, até as alturas da perfeição cristã, ou seja, à plenitude da graça, à perfeição da caridade, que é a santidade”, explicou, ao **O SÃO PAULO**, o Padre Pedro Paulo Pereira Funari, do clero arquidiocesano e doutorando em Teologia Espiritual em Roma.

NÃO DEVE SER CONFUNDIDA COM A CONFISSÃO

A direção espiritual difere do sacramento da Reconciliação, já que neste se busca de maneira imediata o perdão sacramental dos pecados, enquanto na di-



A direção espiritual difere do sacramento da Reconciliação: neste se busca o perdão dos pecados; naquela se almeja crescer espiritualmente

reção espiritual o que se almeja é crescer espiritualmente.

“Vais ao confessor para que te perdoe os pecados e preparas-te sobre os pecados; vais ao diretor espiritual para lhe dizeres as coisas que sucedem no teu coração, as moções espirituais, as alegrias, as irritações, aquilo que se passa dentro de ti. Se te relacionas só com o confessor e não com o diretor espiritual, não saberás crescer: não dá certo! Se te relacionas só com um diretor espiritual, um acompanhador, e não vais confessar os teus pecados, também isso não dá certo”, lembrou Francisco no referido colóquio de 2022.

COMO É REALIZADA E POR QUEM?

O Catecismo da Igreja Católica, no parágrafo 2690, aponta que “O Espírito Santo concede a certos fiéis dons de sabedoria, de fé e de discernimento, em vista deste bem comum que é a oração (direção espiritual)”.

Desse modo, não necessariamente o diretor espiritual precisa ser um sacerdote. Leigos batizados e religiosos consagrados – seja homem, seja mulher – também podem ser diretores espirituais, desde que capacitados para tal.

Padre Pedro Funari ressalta que as três qualidades essenciais de um diretor espiritual são a ciência – deve ter profundos conhecimentos sobre as verdades da fé e sobre Teologia; a experiência – a partir de sua própria vida espiritual e do conhecimento sobre as Sagradas Escrituras e do contato com outras almas, incluindo a vida dos santos; e a prudência – deve saber que conselho dar conforme cada situação que se apresente na vida da pessoa.

Não há uma periodicidade estabelecida para a direção espiritual, mas a frequência mais comum é a cada duas semanas ou uma vez por mês.

“A direção espiritual existe para que você vença as tentações, deixe de uma vez por todas o pecado, abandone o velho homem e viva a vida do novo homem regenerado em Cristo, que é a vida da graça. E é sempre crescendo nas virtudes que você pode viver esta vida. E o desenvolvimento das virtudes é este processo de santificação. A direção espiritual nos ensina o que são as virtudes, como elas se desenvolvem em nós, como fazemos para que cresçam e quais são os desafios a este respeito”, detalha Padre Pedro Funari.

CAMINHO DE EVOLUÇÃO À SANTIDADE

Na já mencionada Catequese de janeiro de 2023, o Papa Francisco lembrou que se o processo de acompanhamento espiritual for dócil ao Espírito Santo, “permitirá desmascarar equívocos, até graves, na consideração de nós mesmos e na relação com o Senhor”.

Padre Pedro Funari lembra que o desenvolvimento da graça tem exigências e obstáculos próprios nas diferentes etapas da vida espiritual: “A direção espiritual é útil justamente para compreender esses momentos, superar esses obstáculos e para que a alma seja sempre mais generosa, que não desanime no meio da escuridão, que não ceda à tentação, e que, de modo positivo, busque sempre as virtudes, o crescimento no amor”.

Por fim, o Sacerdote enfatiza: “Não se deve fazer direção espiritual para resolver um ‘probleminha’ da vida, pois não é como ir ao médico quando se está com um problema de saúde. A direção espiritual é para aqueles que querem se santificar, que querem viver a vida da graça. É, realmente, a busca de uma vida santa”.

Introdução à vida devota

Ao longo da história, muitos santos se dedicaram a mostrar que a santidade é a meta de vida do cristão. Assim o fez São Francisco de Sales (1567-1622), Santo e Doutor da Igreja, que publicou em 1608 o livro “Introdução à vida devota”, um compilado das cartas de direção espiritual que ele escrevera a Louise Duchâtel, a senhora de Charmoisy, representada no livro pela personagem Filoteia.

Ao longo da obra, o Santo indica uma série de práticas para a santificação da vida no cotidiano.

Em um dos trechos, por exemplo,

aponta que “o exercício de purificação da alma não pode nem deve se interromper senão ao término de nossa vida. Não nos atribulemos, então, com nossas imperfeições, pois nossa perfeição consiste em combatê-las, e não poderíamos combatê-las se não as víssemos, nem vencê-las se não as encontrássemos; nossa vitória não consiste em não senti-las, mas em não consenti-las”. Em outro, ressalta que a oração “coloca nosso entendimento sob a claridade e a luz divina, e, ao expor nossa vontade ao calor do amor celeste, não há nada que purifique tão bem nosso entendimento

de suas ignorâncias e nossa vontade de suas afeições depravadas”.

“Enquanto Santa Teresa de Jesus, São João da Cruz e outros doutores da Igreja sobre a vida espiritual bem descreveram as leis universais no processo de santificação, São Francisco de Sales soube aplicá-las de uma maneira extraordinariamente profunda para as almas, de modo concreto, e o fez com tal doçura, mansidão e radicalidade interior que as almas se tornavam santas seguindo seus conselhos, porque ele compreendia a universalidade desses mesmos conselhos. Por isso, este livro é tão importante”,

detalha Padre Pedro Paulo Pereira Funari, doutorando em Teologia Espiritual em Roma, tendo como tema de sua tese “A Direção Espiritual aos Cônjuges nas Cartas de São Francisco de Sales”.

Sobre o fato de esse livro ser uma referência muito atual mesmo tendo sido escrito há mais de 400 anos, o Sacerdote lembra que os desafios que as almas encontram na vida espiritual não mudam de uma época para outra: “O que muda é a materialidade, as circunstâncias exteriores, mas o ser humano continua o mesmo e chamado à mesma santidade”. (DG)

Papa canoniza 14 santos que ‘viveram o serviço, o estilo de Jesus’



Vatican Media

Assembleia do Sínodo entra em fase final

O Sínodo sobre a Igreja sinodal entrou em sua etapa conclusiva nesta semana. Inaugurado em 30 de setembro, a missa de encerramento será no domingo, 27. A assembleia teve três etapas importantes sobre “Relações, Lugares e Percursos”, seguindo sempre um método de discussão inspirado nas “Conversas no Espírito”. O principal objetivo dessa assembleia foi propor caminhos para construir uma “Igreja sinodal em missão”.

Nesse sistema de trabalho, os participantes se colocam em oração e realizam diálogos em pequenos grupos e de maneira circular: cada um fala sem ser interrompido, enquanto os outros escutam, até que se chegue a alguns pontos de consenso dentro do grupo de trabalho. Pontos principais da discussão também foram apresentados em assembleia plenária.

O rascunho do documento final do Sínodo, que é sigiloso, já está tendo emendas feitas pela comissão de redação, conforme os comentários recebidos pelos membros da assembleia sinodal.

Alguns temas, considerados mais complexos, foram colocados de lado pelo Papa Francisco, a pedido da organização do Sínodo, em março deste ano, para serem discutidos em dez grupos de estudo separados dessa reunião. Esses grupos já apresentaram um relatório inicial sobre os pontos a explorar e continuarão trabalhando além da atual assembleia, com o objetivo de entregar um novo relatório ao Santo Padre em junho de 2025. (FD)

FILIPE DOMINGUES
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO, EM ROMA

Os santos apontam para a vida de Cristo e, com isso em mente, o Papa Francisco canonizou 14 santos para a Igreja no domingo, 20, na Praça São Pedro, no Vaticano. É a quarta vez que ele realiza esse tipo de cerimônia durante um sínodo, neste caso a última assembleia geral do Sínodo sobre a sinodalidade, que vem sendo realizada neste mês.

Foram eles: o Padre José Allamano, a Irmã Elena Guerra, a Irmã Marie-Léonie Paradis e os chamados “11 Mártires de Damasco”.

Na homilia, o Papa afirmou que essas “testemunhas da fé” manifestaram em vida o modelo de Jesus Cristo. Ele, que é

“o Deus do amor, que se abaixa para alcançar quem está abaixo, que se faz fraco para levantar os fracos, que opera pela paz e não pela guerra, que veio para servir e não para ser servido”.

Cristo nos recorda que “vence quem serve por amor, e não quem domina”. Em outras palavras, “quem segue Cristo, se quiser ser grande, deve servir, aprendendo Dele”.

Seguir a Cristo é “aceitar a dádiva de seu amor, que transforma nossa maneira de pensar”, acrescentou o Pontífice. “Não nos esqueçamos das três palavras que mostram o estilo de serviço de Deus: proximidade, compaixão e ternura. Deus se faz próximo para servir; Ele se faz compassivo para servir; Ele se faz terno para servir. Proximidade, compaixão e ternura”, refletiu Francisco.

OS NOVOS SANTOS

Entre os novos santos está o Padre José Allamano (leia mais na página 13), italiano, morto em 1926, fundador do Instituto Missões Consolata e das Irmãs Missionárias da Consolata.

A Irmã Elena Guerra, morta em 1914, também ela italiana, foi fundadora das Oblatas do Espírito Santo, a quem dedicou muitos textos e devoções. Já a Irmã Marie-Léonie Paradis, canadense morta em 1912, dedicou toda a vida à formação de pessoas consagradas e ao serviço das comunidades e escolas.

Por fim, os “11 mártires de Damasco” foram vítimas da perseguição no Líbano e na Síria, assassinados em julho de 1860 por um grupo de milicianos drusos. Eram oito frades franciscanos e três leigos.

Em encíclica, Papa destaca o amor de Cristo pela humanidade

Será publicada na quinta-feira, 24, a encíclica *Dilexit nos* (Ele nos amou). No texto, que tinha sido anunciado em 5 de junho, o Papa se concentra no tema do amor de Cristo pela humanidade.

Parte do documento é inspirada pela devoção ao

Coração de Jesus, que completa 350 anos desde as aparições relatadas por Santa Margarida Maria Alacoque, em 1673.

O texto se dirige a “um mundo que parece ter perdido o coração”, diante de tantas guerras, violências, desi-

gualdades e atentados contra a “casa comum”, a Criação divina.

Esta será a quarta encíclica de Francisco, depois de *Lumen Fidei* (2013), *Laudato si'* (2015) e *Fratelli tutti* (2020). (FD)

VES 2024.2
TIBU
LAR
ASSUNÇÃO



ASSUNÇÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO

Transforme o seu futuro com a parceria entre o ASSUNÇÃO e a Arquidiocese de São Paulo. Oferecemos **35% de desconto** em todos os cursos de Graduação e Pós-Graduação aos candidatos que apresentarem carta de indicação* de sua Paróquia no ato da matrícula.

*Carta assinada e em papel timbrado da Paróquia, que contenha o encaminhamento para que o candidato seja contemplado com a condição especial conferida para os paroquianos.

Fale com a gente via WhatsApp!

www.unifai.edu.br

Rua Afonso Celso, 711 (Metrô Santa Cruz) - Vila Mariana - (11) 5087-0187

Padre Allamano, fundador dos missionários e missionárias da Consolata, é canonizado

O MILAGRE ATRIBUÍDO À INTERCESSÃO DO SACERDOTE FOI A CURA DO INDÍGENA SORINO NA AMAZÔNIA EM 1996. NA MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS PELA CANONIZAÇÃO, NO DOMINGO, 20, O CARDEAL SCHERER RESSALTOU QUE OS SANTOS 'OUVIRAM AS PALAVRAS DE JESUS E AS COLOCARAM EM PRÁTICA ATÉ ÀS ÚLTIMAS CONSEQUÊNCIAS'

ROSEANE WELTER
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

No Dia Mundial das Missões, no domingo, 20, o Papa Francisco canonizou no Vaticano 14 bem-aventurados: os frades franciscanos Manuel Ruiz López e seus sete companheiros e os leigos Francisco, Mooti e Raffaele Massabkis, todos esses 11 chamados de os "Mártires de Damasco"; a Irmã Elena Guerra, conhecida como "Apóstola do Espírito Santo"; a Irmã Marie-Léonie Paradis, fundadora das Pequenas Irmãs da Sagrada Família de Sherbrooke; e o Padre José Allamano, fundador do Instituto Missões Consolata e das Irmãs Missionárias da Consolata.

A família da Consolata em São Paulo – sacerdotes, religiosas e leigos – se reuniu na tarde do mesmo dia na Paróquia Nossa Senhora Consolata, no Jardim São Bento, Região Santana, para render graças a Deus pela canonização do Padre Allamano.

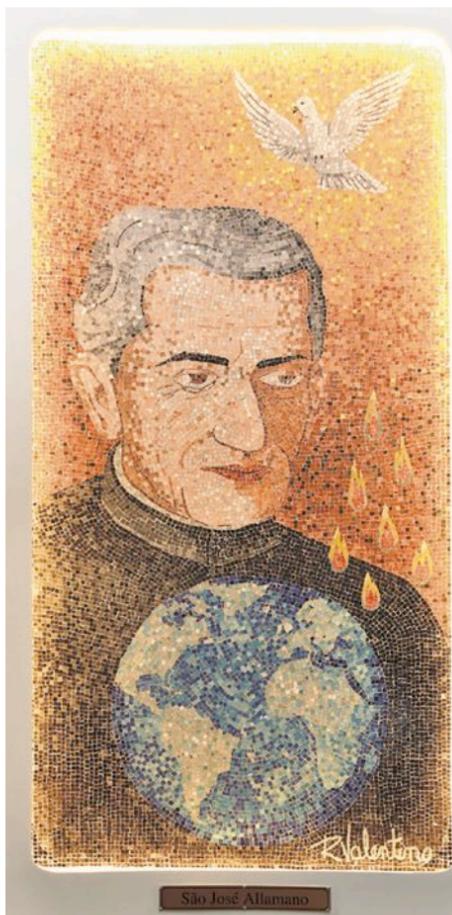
A missa foi presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano, tendo entre os concelebrantes o Padre Cláudio Cobalchini, IMC, Pároco.

MISSIONÁRIO SEM SAIR DE SUA TERRA

Padre José Allamano nasceu em 21 de janeiro de 1851, em Castelnuovo, norte da Itália. Foi ordenado sacerdote em 20 de setembro de 1873. Queria trabalhar no ministério pastoral, mas foi designado a formador de seminaristas, sendo assistente (1873-1876) e, depois, diretor espiritual do Seminário Maior (1876-1880), em Turim.

Padre Allamano foi nomeado Reitor do Santuário da Consolata em outubro de 1880, aos 29 anos de idade. Em 29 de janeiro de 1901, ele criou o Instituto Missões Consolata. Anos depois, na mesma data, em 1910, fundou as Irmãs Missionárias da Consolata.

As congregações criadas por Allamano estão fundamentadas no carisma da santidade e da missionariedade. Os religiosos e religiosas vivem a dimensão



Fiéis e devotos de São José Allamano participam da missa presidida por Dom Odilo em ação de graças à canonização do Santo, no domingo, 20

missionária nas realidades em que estão inseridos.

São José Allamano nunca foi missionário *ad gentes*. Em razão de sua saúde frágil, jamais saiu da Itália, mas enviou muitos sacerdotes e religiosas consagradas para a missão além-fronteiras. Atualmente, os missionários e as missionárias da Consolata estão em 23 países, em quatro continentes.

Em entrevista ao **O SÃO PAULO**, Padre Cláudio Cobalchini destacou que o Fundador usava a expressão "antes santos, depois missionários", pois "tinha consciência da missão que acontece nas periferias existenciais, de anunciar Cristo a todos. Nossa missão é ser presença, ser acolhida e evangelizar".

Irmã Benildes Clara Capellotto, IMC, enfatizou que a frente missionária da congregação "acontece nas áreas da educação, saúde e capacitação profissional. Ser presença evangelizadora e atuante onde o Senhor nos envia é nosso ideal de vida".

SANTO DA IGREJA

Dom Odilo, na homilia, disse que a canonização é um marco significativo na vida da Igreja e para a Consolata.

Ao afirmar que "José Allamano é um santo da Igreja", o Purpurado lembrou que "os santos são aqueles que ouviram as palavras de Jesus e as colocaram em prática até às últimas consequências".

O Cardeal recordou seu contato com os sacerdotes missionários da Consolata no Paraná já na época de sua preparação para o sacerdócio: "Quando era seminarista, ia às paróquias dos Padres da Consolata para realizar missões nos fins de semana".

"Padres e freiras, coragem na missão; famílias, sejam missionárias, lancem a



semente, eduquem os filhos e netos na fé", exortou o Cardeal. "Existem os missionários *ad gentes* que deixam sua pátria para evangelizar; e há os missionários inseridos em nossas paróquias, famílias. Somos missionários", explicou.

O PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

O milagre considerado pela Igreja para a canonização do Padre José Allamano aconteceu em 1996, em Roraima, após o jovem índio Soriano Yanomami ser atacado por uma onça, que lhe abriu grande parte do crânio, espalhando o cérebro pelo chão.

Irmã Felicita Muthoni Nyaga, queniana, foi a primeira missionária a dar assistência ao jovem. "Quando cheguei na aldeia, havia um homem estendido no chão de terra sobre uma poça de sangue. O crânio dele estava aberto e pedaços de cérebro para fora. Com delicadeza, limpei com água, coloquei os pedaços do cérebro no crânio, e amarrei o seu couro cabeludo com o único tecido que eu tinha, a minha blusa", escreveu a missionária.

Diante do fato, as religiosas da Consolata em missão no território iniciaram uma novena pedindo a José Allamano a cura do jovem. Sorino recuperou a saúde em poucos meses e atualmente vive, sem sequelas, em sua comunidade na Terra Indígena Yanomami.

Irmã Maria Costa, IMC, estava no lugar e acompanhou a novena e a recuperação do indígena. "Estamos há 28 anos do milagre e ter vivido essa experiência que elevou aos altares nosso Pai espiritual é momento de graça e emoção", declarou. "Nosso Fundador sempre afirmou que santidade e missão caminham juntas, são faces da mesma moeda", finalizou.

A fase diocesana do processo de canonização foi aberta em março de 2021, em Boa Vista (RR). Depois, o processo foi enviado ao Dicastério para as Causas dos Santos, que o concluiu em 23 de maio deste ano, com a aprovação do decreto que reconheceu o milagre.

Na missa de ação de graças do último domingo, Dom Odilo destacou que para que alguém seja canonizado é necessário "um sinal extraordinário, uma intervenção divina; são esses sinais que a Igreja espera do Céu. A canonização é a proclamação de uma verdade infalível, como vemos no milagre do indígena Sorino".

TESTEMUNHO DOS MISSIONÁRIOS

Na missa em que canonizou os 14 bem-aventurados, o Papa Francisco destacou que os novos santos "foram servos fiéis, homens e mulheres que serviram no martírio e na alegria". Disse, ainda, que eles viveram segundo o estilo de Jesus, que é servir. "Na fé e no apostolado que tiveram, eles não alimentaram em si desejos mundanos nem ânsias de poder, mas, do contrário, se fizeram servidores de seus irmãos, criativos para fazer o bem, firmes nas dificuldades, generosos até o final".

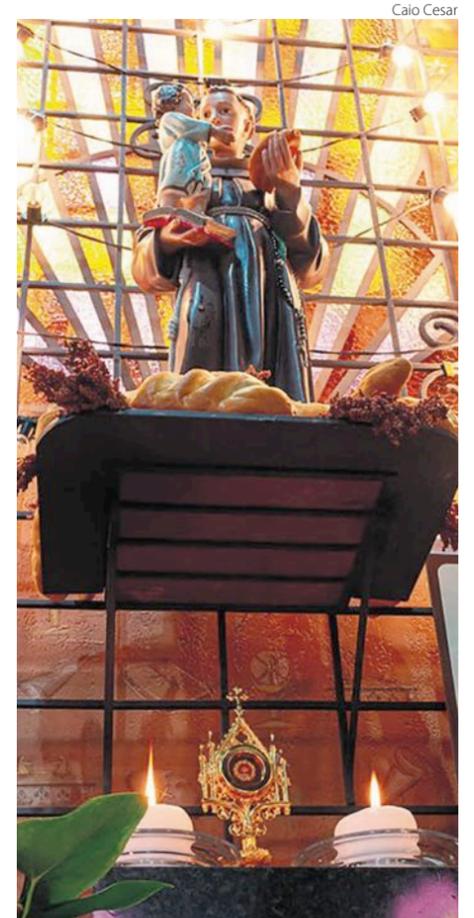
Na oração do *Angelus*, após a missa, o Papa apontou que o testemunho de São José Allamano "recorda-nos a necessária atenção às populações mais frágeis e vulneráveis. Penso em particular no povo Yanomami, na floresta amazônica brasileira, entre cujos membros se realizou o milagre ligado à canonização de hoje. Apelo às autoridades políticas e civis para que garantam a proteção destes povos e dos seus direitos fundamentais e contra todas as formas de exploração da sua dignidade e dos seus territórios".

BRASILÂNDIA

Visita pastoral de Dom Carlos Silva reacende a esperança em paróquia no Jaraguá



Fotos: Robson Landim



Caio Cesar

ROBSON LANDIM
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Dom Carlos Silva, OFMCap., realizou visita pastoral à Paróquia Nossa Senhora da Conceição, Decanato São Barnabé, entre os dias 16 e 20. Na ocasião, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia lembrou que a visita pastoral é um momento de encontro entre o pastor e suas ovelhas – o bispo e o seu povo naquele bairro.

No dia 16, o Prelado presidiu a Eucaristia na matriz paroquial, concelebrada pelo Padre Carlos Shimura, ISch, Pároco. Na quinta-feira, 17, pela manhã, visitou o lar de idosos “Caminhos do Bem”, no qual ministrou a Unção dos Enfermos aos 11 atendidos. Logo depois, levou a

Eucaristia a um casal de idosos da Paróquia. Encerrando a manhã, almoçou com o Padre Ailton Fernandes e os membros da Fraternidade São João Paulo II, na casa de formação presente na área de abrangência da Paróquia. À tarde, reuniu-se com o Conselho Paroquial de Pastoral, partilhou as novidades provenientes das ações pós-sínodo arquidiocesano e rezou a hora santa com os paroquianos. À noite, visitou a Comunidade São José, na qual presidiu a Eucaristia.

Na manhã da sexta-feira, 18, o Bispo Auxiliar presidiu a missa na Comunidade Sagrado Coração de Jesus e, em seguida, visitou o Colégio Morales Lopes. Depois, acompanhado dos Padres Carlos Shimura, ISch, e Gustavo Hanna, ISch, foi à CEI Catarina Kentenich, cre-

che mantida pelo Instituto Secular dos Padres de Schoenstatt em parceria com a Prefeitura.

No sábado, 19, pela manhã, o Prelado se encontrou com membros da Pastoral do Batismo e da Pascom. Depois, teve um encontro muito animado com dezenas de crianças da Catequese e com seus pais e catequistas. À tarde, ele se reuniu com crismandos, catequistas de Crisma, grupo de jovens e servidores do altar. No mesmo dia, Dom Carlos presidiu a Eucaristia nas Comunidades São Paulo e São Pedro Apóstolo.

A visita pastoral de Dom Carlos Silva se encerrou no domingo, 20, com a celebração eucarística durante a qual ministrou o sacramento da Crisma a 86 jovens e adultos.

A relíquia de Santo Antônio peregrinou entre 15 de setembro e 19 de outubro pelas Comunidades São João, Sagrado Coração de Jesus, Sant’Ana, Nossa Senhora da Paz e Santa Isabel, pertencentes à **Paróquia Santo Antônio**, na Vila Brasilândia, Decanato São Pedro, em comemoração aos dois anos de entronização da relíquia na Paróquia. No domingo, 20, a relíquia foi levada de volta à matriz paroquial e solenemente recebida em missa presidida pelo Padre Edemilson Gonzaga de Camargo, Pároco, com a presença dos fiéis das comunidades. *(por Pascom paroquial)*



Alex Formigoni

Na sexta-feira, 18, no Santuário Sião do Jaraguá, Decanato São Barnabé, os fiéis celebraram os **110 anos da fundação do Movimento de Schoenstatt**. Dom Carlos Silva, OFMCap., Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia, presidiu a missa de renovação da Aliança de Amor, selada pelo Servo de Deus Padre José Kentenich, e a memória litúrgica da Mãe e Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt, titular do Santuário. Concelebraram os Padres Antonio Bracht, Gustavo Hanna Crespo, Carlos Shimura e Gabriel Felipe Oberle, do Instituto dos Padres de Schoenstatt. *(por Audrey Marcutis)*



Edneia Pereira

Entre os dias 13 e 18, a **Paróquia Nossa Senhora Mãe e Rainha**, Decanato São Barnabé, realizou a festa da padroeira, com o tema “Mãe e Rainha, fortalecei-nos na vida comunitária”. No dia 13, houve a 3ª Carreata da Padroeira pelas ruas próximas à matriz paroquial, e foi celebrada a missa de abertura das festividades, presidida por Dom Carlos Silva, OFMCap., Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia. Por sua vez, a missa solene, na sexta-feira, 18, reuniu cerca de 400 fiéis e foi presidida pelo Padre Cildo José Rosembach, Pároco, com a assistência do Diácono Antônio Campineiro, com a coroação de Nossa Senhora e o oferecimento de flores à Mãe de Deus. *(por Edneia Pereira)*

SANTANA

Marcelo Fagner



No domingo, 20, a coordenação da Pascom do Decanato São Matias se reuniu com os integrantes da **Pascom da Paróquia Nossa Senhora Aparecida**, no Parque Edu Chaves, para estabelecer ideias e formular planos para as atividades de comunicação da Paróquia. Participou o Padre Maurício Vieira de Souza, Decano. *(por Marcelo Fagner)*

Na noite do sábado, 19, na **Paróquia Nossa Senhora de Fátima**, Decanato São Tiago de Zebedeu, o Padre Carlos Alberto Doutel, Vigário Episcopal e Geral para a Região Santana, presidiu a missa na qual conferiu o sacramento da Crisma a 36 jovens e adultos, sendo um deles da Paróquia Nossa Senhora da Candelária. Concelebrou o Padre Dalmir Oliveira dos Anjos, Pároco. *(por Fernando Fernandes)*



Marilene Braga

IPIRANGA

Festa de Santa Edwiges mobiliza fiéis no Sacomã

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

A Paróquia Santa Edwiges, Decanato Santo André, encerrou as comemorações em honra à sua padroeira no domingo, 20, com uma procissão pelas ruas do bairro do Sacomã.

No dia 16, dedicado à memória litúrgica da Santa, dez missas foram celebradas em louvor à padroeira dos endividados, como também é conhecida.

Uma delas, às 16h, foi presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer e concelebrada por padres pertencentes à Congregação dos Oblatos de São José, que administram o Santuário.

Na homilia, o Arcebispo destacou a intensa vida de Santa Edwiges, que nasceu em família nobre, no século XIII, na Alemanha; foi dada em casamento a um príncipe polonês, mas após se tornar viúva e terem falecido alguns de seus filhos, decidiu consagrar a vida a Deus, dedicando-se especialmente à caridade aos pobres e doentes, empenhando toda a sua fortuna para este fim. Além disso, in-



Pascom paroquial

gressou na vida monástica, seguindo os passos de sua filha, que também era uma monja beneditina da ordem cisterciense.

Dom Odilo ressaltou que Santa Edwiges “foi alguém sensibilizada diante das necessidades dos outros”, e enalteceu o fato de que ainda hoje muitas mulhe-

res fazem o mesmo, dedicando-se nas boas obras da Igreja. Ele também recomendou que os fiéis não só venerem os santos, mas busquem conhecer a história de suas vidas, uma vez que estes homens e mulheres seguiram as verdades da fé: “Olhando para o exemplo deles, pode-

mos ter a certeza de que estamos no caminho do Evangelho”.

Ainda no dia da padroeira, às 19h, Dom Ângelo Ademir Mezzari, RCJ, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga, presidiu a celebração eucarística.

(com informações da Pascom paroquial)



Pascom paroquial

Dom Ângelo Ademir Mezzari, RCJ, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga, conferiu o sacramento da Crisma a cinco jovens e a um adulto na **Paróquia Imaculada Conceição**, Decanato São Marcos, no domingo, 20. Concelebraram os Padres Boris Agustín Nef Ulloa, Pároco, e Ediclei Araújo da Silva, Vigário Paroquial. (por Pascom paroquial)



Felipe Santos

No sábado, 19, na **Paróquia São José**, na Vila Zelina, Decanato São Marcos, Dom Ângelo Ademir Mezzari, RCJ, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga, conferiu o sacramento da Crisma a 60 jovens e adultos, pertencentes aos grupos paroquiais e aos Colégios FransCarmo e São Miguel Arcanjo. Concelebraram os Padres Fausto Marinho de Carvalho Filho, Pároco, e José Bartolomeu dos Santos, Colaborador Paroquial. (por Pascom paroquial)



Victor Uchoa

As **Pastorais Sociais e da Juventude** da Região Ipiranga participaram no domingo, 20, da 45ª Celebração dos Mártires, na Casa da Solidariedade, no bairro Bosque da Saúde. Realizada desde 1980 no mês de outubro, a celebração faz memória daqueles que morreram em busca de um mundo mais justo. Os participantes assumiram o compromisso de ajudar na articulação dos trabalhos com pessoas em situação de rua e no fortalecimento da Pastoral da Juventude regional. (por Pastoral da Juventude do Ipiranga)



Movimento Schoenstatt

Os 110 anos do carisma Aliança de Amor, berço do Movimento Apostólico de Schoenstatt, fundado em 1914 pelo Padre Kentenich, foi comemorado com uma tarde celebrativa no **Santuário da Mãe e Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt**, na Vila Mariana, Decanato São Mateus, no domingo, 20. O encontro contou com palestras e testemunhos de vida e foi encerrado com a missa, presidida por Dom Ângelo Ademir Mezzari, RCJ, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga. (por Maria Rita Vianna)



Pascom paroquial

No domingo, 20, Dia Mundial das Missões, Dom Ângelo Ademir Mezzari, RCJ, presidiu missa na **Paróquia Santa Rita de Cássia**, Decanato São Mateus, durante a qual conferiu o sacramento da Crisma a 47 jovens e adultos. Concelebraram os Padres Jorge Bernardes, Pároco, e Oscar Bailone, Colaborador Paroquial, com a assistência do Diácono Antônio de Mendonça. (por Padre Jorge Bernardes)

SÉ

Dom Rogério faz visita pastoral à Paróquia Santa Rita de Cássia

IRMÃ HELENA CORAZZA, FSP
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Entre os dias 18 e 20, Dom Rogério Augusto das Neves realizou visita pastoral à Paróquia Santa Rita de Cássia, Decanato São Tiago de Alfeu. Acompanhado pelo Frei Eliseo López Bordón, Pároco, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Sé pôde conhecer a realidade pastoral e a vida da comunidade paroquial.

Dom Rogério selou a pedra das relíquias da dedicação, realizada em 29 de setembro, depositando-as no espaço próprio para acolhê-las, junto com algumas lembranças desse dia: um exemplar do jornal **O SÃO PAULO**, o livrinho da celebração e o marca-páginas. Ele também esteve na secretaria paroquial verificando os livros e documentos, reuniu-

-se com o Conselho Paroquial de Paroquial (CPP), e com o Conselho Pastoral para Assuntos Econômicos (CPAE). Aos membros do CPP, Dom Rogério recomendou o cuidado com a comunicação na liturgia, a comunicação entre as pastorais e com os paroquianos. No fim da tarde, presidiu a missa e, em seguida, participou de uma confraternização.

Em companhia do Pároco, o Prelado também visitou uma enferma da comunidade paroquial, levando-lhe a Eucaristia e o consolo espiritual. Participou, ainda, de encontros fraternos com as comunidades religiosas das Irmãs Vicentinas, Irmãs Paulinas e o Mosteiro da Visitação, no qual presidiu a missa no domingo, 20.

O Bispo ainda visitou o Serviço à Pastoral da Comunicação (Sepac), na sexta-feira, 18, em comemoração de seus 42 anos de fundação.



Pascom paroquial

Padre Vando Valentini completa 50 anos de missão no Brasil

CECÍLIA CANALLE E
FRANCISCO BORBA RIBEIRO NETO
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

No sábado, 19, na Paróquia Nossa Senhora do Carmo, na Aclimação, Decanato São Tiago de Alfeu, foram celebrados os 50 anos da presença no Brasil do Padre Vando Valentini, Pároco. A missa foi presidida por Dom João Carlos Petrini, Bispo Emérito de Camaçari (BA), tendo entre os concelebrantes Dom Rogério Augusto das Neves, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Sé, e o próprio jubilandos.

Na primeira metade da década de 1970, Dom Paulo Evaristo Arns viu que o jovem João Carlos Petrini, um missionário vindo da pequena Fermo, na Itália, atuava com as comunidades eclesiais de base na periferia. Sabendo que havia sido forma-

do, durante seus estudos na universidade, sob o carisma do movimento Comunhão e Libertação (CL), o então Arcebispo de São Paulo pediu-lhe que outro missionário desse movimento se juntasse a ele, para que se dedicassem à presença da Igreja na universidade.

Assim, em 1974, Vando Valentini, um economista italiano recém-graduado, chegou a São Paulo. Com Petrini, criou as Comunidades Universitárias de Base (CUBs), com o tripé da vivência eclesial, presença no ambiente acadêmico e trabalho social na periferia. No início dos anos 80, já eram mais de uma centena, presentes nas principais universidades paulistas, com um diálogo ativo com o mundo intelectual, o movimento estudantil e outras experiências eclesiais.

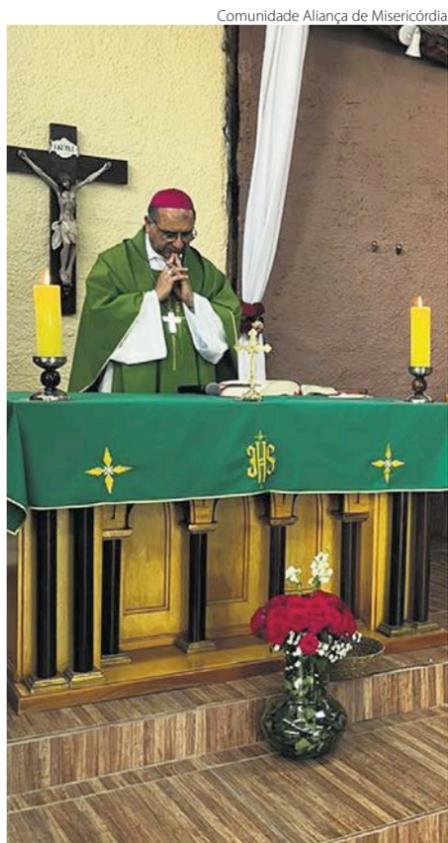
Em 1983, Vando foi ordenado padre

em Fermo, em uma cerimônia concelebrada por Dom Paulo, Dom Cleto Bellucci, Arcebispo de Fermo, e o Padre Luigi Giusani, fundador do movimento Comunhão e Libertação. Em 1985, em continuidade à experiência das CUBs, o Comunhão e Libertação se estabeleceu oficialmente no Brasil e o Padre Vando se tornou o seu responsável na Arquidiocese de São Paulo.

No ano 2000, Dom Cláudio Hummes, então Arcebispo de São Paulo, o chamou novamente para a universidade, tornando-o coordenador do Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP, destinado a fomentar a presença e o diálogo da Igreja com o mundo cultural. Em 2010, Dom Odilo Pedro Scherer o nomeou coordenador da Pastoral Universitária da PUC-SP, cargo que ocupou até 2016, quando foi nomeado Pároco da Paróquia Nossa Senhora do Carmo.



Pascom paroquial



Comunidade Aliança de Misericórdia

No dia 13, Dom Rogério Augusto das Neves, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Sé, presidiu missa na **Capela Nossa Senhora Aparecida**, Decanato São Paulo, localizada na **Comunidade do Moinho**, mais conhecida como Favela do Moinho. Participaram moradores e missionários da Aliança de Misericórdia.

(por Secretariado de Comunicação Regional)



Pascom paroquial

No dia 13, no Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Decanato São Tiago de Alfeu, além das tradicionais comemorações da última aparição de sua padroeira, houve a comemoração, como já acontece há 50 anos, de Nossa Senhora de Nazaré, com a reprodução da tradicional **procissão do Círio de Nazaré**, realizada em Belém (PA), que contou com a berlinda da imagem mariana e a corda do Círio. Em seguida, os fiéis participaram da missa presidida pelo Frei Jair Roberto Pasquali, TOR, Pároco. (por Pascom paroquial).



Ruy Halasz

No sábado 19, na Catedral da Sé, aconteceu o **21º encontro regional dos ministros extraordinários da Sagrada Comunhão (MESCs)**. Com o lema "Para uma Igreja sinodal, comunhão, participação, missão e preparando o Ano Santo Jubilar 2025 - Peregrinos da Esperança", a atividade contou com a adoração ao Santíssimo Sacramento, conduzida pelo Cônego Helmo César Faccioli, Assistente Eclesiástico para os MESCs na Região Sé. Logo após, o Padre Alessandro Enrico de Borbón, Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Consolação e Decano do Decanato São João Evangelista, palestrou sobre o tema "O ministro extraordinário da Sagrada Comunhão, anunciador do Jubileu 2025". A missa de encerramento foi presidida por Dom Rogério Augusto das Neves. (por Ruy Halasz)



Pascom paroquial

No dia 15, os fiéis da **Paróquia Santa Teresa de Jesus**, Decanato São Tomé, celebraram a festa litúrgica de sua padroeira com uma missa presidida por Dom Rogério Augusto das Neves e concelebrada pelo Frei Atanael de Almeida Lima, OCarm., Pároco. (por Pascom paroquial)

Dom Odilo se reúne com padres novos da Arquidiocese em encontro anual

JOSÉ FERREIRA FILHO
osaopaulo@uol.com.br

Nos dias 23 e 24, na Abadia de Santa Maria, no Tucuruvi, zona Norte da capital paulista, os padres novos da Arquidiocese – aqueles que possuem até 8 anos de ministério sacerdotal, o que abrange 39 sacerdotes atualmente –, participam de um encontro com o Cardeal Scherer.

A atividade é uma oportunidade para a abordagem de assuntos de interesse eclesial-pastoral, a formação e a troca de experiências, como também para o fomento da fraternidade sacerdotal entre os membros do clero arquidiocesano e a maior proximidade com o Arcebispo Metropolitano.

Na manhã da terça-feira, 23, Dom Odilo abriu o encontro com a oração da Hora Média e, em seguida, traçou um panorama sobre a história eclesial: resgatou as diversas situações de dificuldade que a Igreja enfrentou ao longo dos séculos, notadamente no continente europeu, e contextualizou os desafios do tempo presente. O Purpurado propôs aos padres que expusessem as questões atuais que, na opinião deles, mais impactam a vida da Igreja e do ministério sacerdotal nos dias atuais, o que proporcionou um amplo debate.

À tarde, no mesmo dia, o Cônego José Miguel de Oliveira, Vigário-geral Adjunto da Região Belém, – que trabalhou como formador de seminário por mais de 15 anos – apresentou um itinerário de sua caminhada vocacional e exortou os sacerdotes a estimular as vocações em seu dia a dia.

Em seguida, o Padre Roberto Carlos Queiroz Moura, nomeado Coordenador de Pastoral da Arquidiocese, explicou sobre a organização pastoral renovada da Arqui-



Arquivo pessoal

diocese e as iniciativas que advêm como frutos do sínodo arquidiocesano, como a nova estrutura – com a criação dos decanatos, a fim de dinamizar o trabalho pastoral –, a visibilidade que se pretende dar às iniciativas existentes em cada paróquia, a necessidade da renovação da acolhida – o que inclui não somente a acolhida às pessoas, mas também aos sacramentos –, a Pastoral dos Sacramentos, a criação do Vicariato Episcopal para a Pastoral da Saúde e dos Enfermos e do Vicariato para a Caridade Social, entre outros.

“A vida da Igreja não é fazer uma porção de coisas, mas ter um sentido, com objetivos e metas, a fim de propagar a fé. A adoração de Deus também faz parte da missão eclesial, no sentido de reconhecê-Lo como Criador e merecedor de todo o louvor, sem deixar de lado, no entanto, a dimensão do testemunho, mediante a nossa ação e presença no mundo”, exortou o Cardeal Scherer.

O Arcebispo Metropolitano também repassou com os padres novos o conteúdo do Manual de Normas Admi-

nistrativas e Diretrizes Pastorais da Arquidiocese de São Paulo, que contém, além do que o próprio nome diz, o diretório da Pastoral dos Sacramentos, o diretório da Formação Presbiteral, a organização dos decanatos, as diretrizes para proteção de menores e adultos vulneráveis, entre outros documentos relevantes.

Na quarta-feira, 24, o Cardeal Scherer aborda a espiritualidade sacerdotal do padre diocesano, além de aspectos referentes à transferência de padres e à formação permanente. O Padre Zacarias José de Carvalho Paiva, Procurador da Mitra Arquidiocesana, apresenta questões gerais da Cúria e da administração eclesial. Por fim, o Padre Ricardo Anacleto, Pároco da Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, explana as atualizações realizadas no âmbito da Pastoral dos Sacramentos, e o Padre João Henrique Novo do Prado, responsável pelo Serviço de Animação Vocacional da Arquidiocese, discorre sobre a Pastoral Vocacional.

LAPA

Leandro Marcondes de Melo



Na Solenidade de Nossa Senhora Aparecida, no dia 12, os fiéis da **Paróquia Santo Antônio de Pádua**, no Jardim Bonfiglioli, Decanato São Bartolomeu, participaram da missa presidida por Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa. Concelebraram os Padres Antônio Francisco Ribeiro, Pároco, cujo aniversário natalício se comemorou naquele dia, e Celso de Jesus Ribeiro, Pároco da Paróquia Santa Catarina, da Diocese de Piracicaba, e irmão do Padre Antônio, com a assistência do Diácono Antônio Geraldo de Souza.

(por Benigno Naveira)

Pascom paroquial



No domingo, 20, na **Paróquia Cristo Rei**, no Morro Doce, Decanato São Tito, Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa, presidiu missa, concelebrada pelo Padre Orivaldo Carvalho, Pároco, durante a qual conferiu o sacramento da Crisma a 19 adultos e jovens.

(por Benigno Naveira)

Benigno Naveira



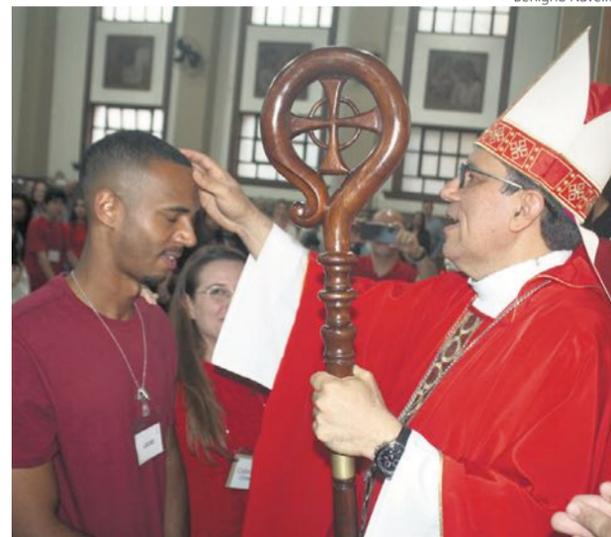
Na tarde do sábado, 19, mais de 100 agentes da **Pastoral Familiar regional** estiveram reunidos na Paróquia São João Bosco, no Alto da Lapa, Decanato São Simão. A atividade foi assessorada por Dom Edilson de Souza Silva, que conduziu uma reflexão sobre o ensinamento da Igreja a respeito da família e as dificuldades que ela enfrenta, como a relacionamento entre seus membros, problemas financeiros e de saúde, a educação dos filhos em um mundo hostil à fé e a crescente dependência em álcool e drogas. O Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa estimulou a criação da Pastoral da Família nas paróquias que ainda não a possuem.

(por Benigno Naveira)

Benigno Naveira

No domingo, 20, na **Paróquia Nossa Senhora de Fátima**, na Vila Leopoldina, Decanato São Simão, 111 jovens e adultos receberam, pelas mãos de Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa, o sacramento da Confirmação, durante missa por ele presidida e concelebrada pelos Padres Pedro Augusto Ciola de Almeida, Pároco; Fernando Gross, Vigário Paroquial; e Fabiano de Souza Pereira, Pároco da Paróquia São João Batista, na Vila Ipojuca.

(por Benigno Naveira)



BELÉM

Dom Cícero ordena dois diáconos para a Igreja

FERNANDO ARTHUR
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

“Enviai sobre eles, Senhor, nós vos pedimos, o Espírito Santo, que os fortaleça com os sete dons de vossa graça, a fim de que exerçam com fidelidade o seu ministério. Resplandeçam neles as virtudes evangélicas: o amor sincero, a solicitude para com os enfermos e os pobres, a autoridade discreta, a simplicidade de coração e uma vida segundo o Espírito. Brilhem em suas condutas os vossos mandamentos, para que o exemplo de suas vidas desperte a imitação de vosso povo e, guiando-se por uma consciência reta, permaneçam firmes e estáveis no Cristo. Assim, imitando na terra vosso Filho, que não veio para ser servido, mas para servir, possam reinar com Ele no céu”.

Este trecho da prece de ordenação, feita por Dom

Cícero Alves de França na noite do sábado, 19, após impor as mãos e ordenar dois diáconos para a Igreja, sintetiza o ministério por eles recebido.

Perante a assembleia de fiéis que lotou a Paróquia São Judas Tadeu, Decanato São Lucas, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém conferiu o primeiro grau do sacramento da Ordem a Denis Geraldo Martins Carvalho e a Yan Pires da Silva, da Congregação dos Agostinianos da Assunção (AA).

Na homilia, o Prelado ressaltou a dimensão do serviço, da humildade e do amor, que devem acompanhar a vida diaconal: “Não existe serviço sem humildade, servir é se inclinar”.

“Vivam seu ministério a partir deste tríplice múnus, com a certeza de que se Deus os chamou, os confirmou, Ele lhes dará a graça desse ministério, que hoje lhes entrega”, exortou.



Fernando Arthur



Kaique Mazaia

Na manhã do domingo, 20, Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém, presidiu missa na **Paróquia São Marcos Evangelista**, Decanato Sant'Ana e São Joaquim, durante a qual conferiu o sacramento da Confirmação a 14 jovens. Concelebraram os Padres Irineu Dossou, SVD, Pároco; e Joji Raju, SVD, Vigário Paroquial.

(por Kaique Mazaia)

Na manhã do sábado, 19, os **ministros extraordinários da Sagrada Comunhão das paróquias e comunidades dos Decanatos Sant'Ana e São Joaquim e São Lucas** se reuniram na Paróquia Nossa Senhora do Sagrado Coração, na Vila Formosa, para um encontro formativo. A atividade foi conduzida por Danilo Barreto Lopes, estudante de Teologia, e pelo Padre Felipe Batista da Silva, Assessor Eclesiástico para os ministros extraordinários da Sagrada Comunhão na Região Belém.

(por Fernando Arthur)

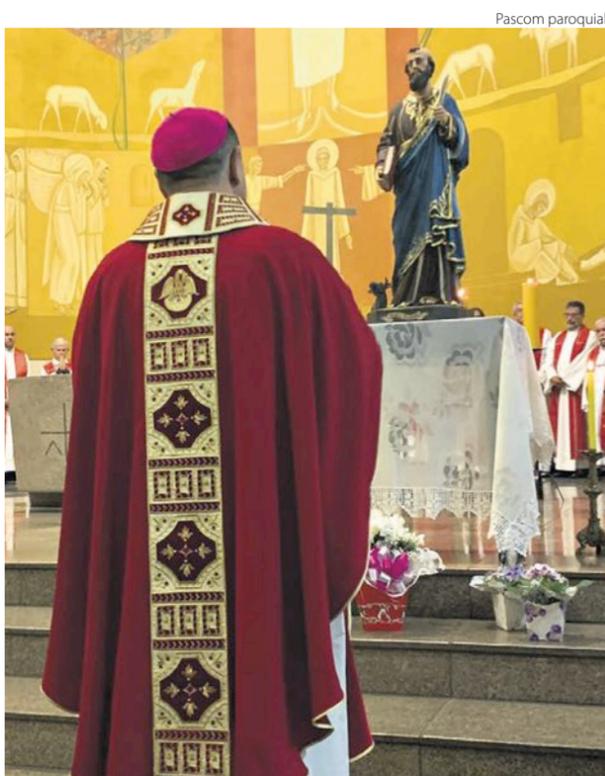


Pascom paroquial

Na noite do domingo, 20, Dom Cícero Alves de França presidiu missa na **Paróquia São Miguel Arcanjo**, no Jardim da Conquista, Decanato Sant'Ana e São Joaquim, na qual ministrou o sacramento da Crisma a 135 jovens e adultos. Concelebraram os Padres Ailton Rodrigues, MSC, Pároco, e Elinaldo Assunção, MSC, Vigário Paroquial. (por Fernando Arthur)

Entre os dias 18 e 20, o Padre Arlindo Teles, Pároco da Paróquia São José do Maranhão e Assessor Eclesiástico do Apostolado da Oração na Região Belém, participou, em Itaiti (SP), do **4º Congresso Nacional do Apostolado da Oração**, juntamente com representantes leigos deste movimento na Região. O tema abordado foi “Humildade e Mansidão”.

(por Padre Arlindo Teles)



Pascom paroquial

Na noite da sexta-feira, 18, os **padres e fiéis do Decanato São Lucas** se reuniram na Paróquia Coração Eucarístico de Jesus e Santa Marina para celebrar a **Festa de São Lucas, padroeiro do Decanato**. A missa foi presidida por Dom Cícero Alves de França e concelebrada pelos sacerdotes cujas paróquias compõem o Decanato, entre eles o Padre Lauro Wisnieski, Pároco da Paróquia Cristo Rei e Decano. No início da celebração, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém abençoou a imagem de São Lucas, dada pelos fiéis da Paróquia Nossa Senhora da Conceição.

(por Fernando Arthur)



Fernando Arthur

Na manhã do sábado, 19, aconteceu na Paróquia Santa Maria Madalena, Decanato São Timóteo, a **Escola de Oração**, conduzida por Dom Cícero Alves de França, que destacou a importância da oração na vida cotidiana como o centro da vida dos fiéis. Ele também ressaltou que “a oração é o nosso primeiro serviço, é a expressão mais elementar, é contato com Deus para quem a fé se orienta”. Ao final do encontro, o Prelado conduziu um momento de adoração eucarística silenciosa.

(por Emanuel Felipe)

Erramos

Na notícia “2 mil pessoas participam do dia da padroeira em paróquia na Vila Zatt”, publicada na página 16 da edição 3.519 (de 16 a 22 de outubro de 2024), informamos erroneamente que as missas da novena foram concelebradas pelos Padres Ademir Gonçalves,

C.Ss.R., de Araraquara (SP), Diocese de São Carlos (SP), e João Batista de Almeida, C.Ss.R., da Pastoral Social do Santuário Nacional de Aparecida (SP). A informação correta é que os sacerdotes mencionados presidiram as missas.

Relatório da ONU revela que a pobreza se acentua em nações em conflito

JOSÉ FERREIRA FILHO
osaopaulo@uol.com.br

Mais de 1,1 bilhão de pessoas no mundo, o equivalente a uma em cada oito, vivem em situação de pobreza aguda, e cerca de metade delas é menor de idade: é o que mostra um relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), divulgado na quinta-feira, 17, por ocasião do Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza.

A pobreza aguda em zonas de conflito afeta em média 34,8% da população, contra 10,9% nos países que não estão em guerra, segundo o Índice de Pobreza Multidimensional Global (IPMG). O estudo é elaborado desde 2010 pelo Pnud e o instituto de pesquisa Iniciativa sobre Pobreza e Desenvolvimento Humano, da Universidade de Oxford.

O relatório utiliza indicadores como qualidade da moradia, saneamento básico,

água potável, energia elétrica, combustível para o preparo de alimentos, nutrição, nível de escolaridade e frequência às aulas. Para o Banco Mundial, uma pessoa pode ser considerada em situação de pobreza aguda quando ganha no máximo U\$ 2,15 por dia (cerca de R\$ 12, na cotação atual).

“O IPMG 2024 mostra um quadro preocupante”, afirma Yanchun Zhang, diretor de estatísticas do Relatório sobre Desenvolvimento Humano do Pnud. Ele alerta que, dos 1,1 bilhão de pobres “multidimensionais”, 455 milhões vivem em países em guerra.

“Nas nações destruídas pelos conflitos, os índices de pobreza são três vezes mais elevados. As necessidades que as pessoas passam – em termos de nutrição, água, saneamento, eletricidade ou educação – são de três a cinco vezes mais graves”, declara. “Para os pobres dos países afetados por conflitos, a luta pelas necessidades básicas é uma batalha mui-

to mais difícil e desesperada”, acrescenta.

Em 2023, o planeta registrou mais conflitos do que em qualquer outro período desde a 2ª Guerra Mundial. De acordo com o documento, que examina a situação de 112 países, nos quais vivem 6,3 bilhões de pessoas, a pobreza aguda afeta mais as zonas rurais (28%) do que as zonas urbanas (6,6%) e os jovens com menos de 18 anos (27,9%) em relação aos adultos (13,5%). A maioria (83,2%) dos pobres do mundo vive no Sudeste da Ásia e na África Subsaariana.

Os cinco países com maiores níveis de pobreza são Índia (234 milhões de pessoas), Paquistão (93 milhões), Etiópia (86 milhões), Nigéria (74 milhões) e República Democrática do Congo (66 milhões). Na América Latina, 5,8% da população (34 milhões) sofre de pobreza multidimensional. O Haiti lidera a lista da região, com 41,3% da população em situação de pobreza aguda, seguido pela Guatemala, com 28,9%.

Fontes: RFI Brasil e ONU

China

Governo incentiva casais a terem mais filhos

Na China, entre 1980 e 2015, a política do filho único configurou a prática do controle populacional extremo adotada pelo governo. Em 2016, houve um afrouxamento e se passou a admitir dois filhos por casal. Desde 2021, a nova meta do país para enfrentar os baixos índices de fecundidade é três filhos por família.

Hoje, poucas famílias chinesas têm tantos membros, porém, diante da primeira queda populacional desde a grande fome dos anos 1960, o governo tem incentivado seus cidadãos a procriar, com táticas que variam de casamentos em massa a ligações telefônicas incentivando os casais a terem filhos.

A política adotada no passado faz da China hoje um reino de filhos únicos. Além disso, tal postura deixou marcas trágicas, especialmente nas mulheres, devido aos abortos seletivos e ao abandono de meninas recém-nascidas.

A nova política populacional, contudo, tem um motivo: apesar do crescimen-

to econômico espetacular nos últimos 30 anos, a China ainda tem um longo caminho a percorrer antes de poder ser considerada um dos países mais desenvolvidos do mundo: em 2020, classificou-se apenas em 79º lugar em termos de PIB per capita e em 85º no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). A nação enfrenta desafios demográficos, com uma taxa de fertilidade muito baixa, que caiu para 1,3 filho por mulher em 2020; há uma redução da sua população em idade ativa (20-64 anos) em cerca de 70 milhões de pessoas entre 2020 e 2035, diminuindo de 65% para 57% da população total; por fim, o rápido envelhecimento populacional, com a proporção da população com 65 anos ou mais provavelmente aumentará de 12% para 21% nos próximos 15 anos. A “política dos três filhos”, portanto, visa a atenuar essas tendências. De acordo com o governo chinês, seu objetivo é atingir “crescimento populacional estável a longo prazo”, garantindo “de-

envolvimento econômico sustentável”.

Há oito anos, segundo estudiosos, o anúncio da política de dois filhos foi recebido na China com “entusiasmo e esperança”, diz a antropóloga Susan Greenhalgh, professora emérita de Sociedade Chinesa da Universidade Harvard, em um artigo recente. Parecia um sinal de que o governo havia “ouvido as demandas da população e aberto o círculo da liberdade após um longo inverno de descontentamento reprodutivo”.

O anúncio em 2021 da política de três filhos, entretanto, “foi um grande golpe”, continua ela. “Agora estava claro que, em vez de os cidadãos terem voz em seus próprios assuntos, as pessoas eram meramente objetos passivos de controle por um governo autoritário preocupado apenas com números agregados”, escreveu em um texto publicado no *Made in China Journal*. (JFF)

Fontes: Institut National D'Etudes Démographiques (Ined) e O Globo

México

Sacerdote é assassinado depois de presidir missa

No domingo, 20, o Padre Marcelo Pérez, Pároco da igreja de Guadalupe, pertencente à Diocese de San Cristóbal de las Casas, foi assassinado a tiros por dois motociclistas até agora não identificados.

De acordo com informações da imprensa local, o crime aconteceu após o Sacerdote ter presidido a missa no templo do bairro Cuxtitali. O Padre estava saindo para continuar seu trabalho pastoral na igreja de Guadalupe, quando surgiu uma motocicleta com dois criminosos que atiraram nele. Ao menos quatro disparos o atingiram.

A Conferência Episcopal Mexicana, por meio de um comunicado, condenou energicamente o brutal assassinato, manifestando sua profunda dor pelo ocorrido. Os bispos ainda lamentaram a perda de um sacerdote dedicado que, em sua comunidade, sempre lutou de forma incansável pela paz e a justiça.

Os bispos mexicanos lamentam de forma profunda “a perda de uma vida consagrada ao serviço de Deus e do próximo. Este ato de violência não afeta só a Diocese, mas toda a Igreja no México e a

sociedade em seu conjunto, especialmente em uma região que hoje vive situações afetadas pela violência”.

O comunicado faz ainda um chamado às autoridades do governo para que realizem uma investigação exaustiva e transparente que conduza ao esclarecimento deste crime. Além disso, é pedido que sejam implementadas medidas efetivas para garantir a segurança dos sacerdotes e agentes pastorais que dedicam suas vidas ao serviço dos mais necessitados. (JFF)

Fonte: Gaudium Press

Liturgia e Vida

30º DOMINGO DO TEMPO COMUM
27 DE OUTUBRO DE 2024

‘Mestre, que eu veja!’

PADRE JOÃO BECHARA VENTURA

“No caminho” de Jerusalém, Jesus notou um bulício. Alguns dos que O acompanhavam repreendiam um homem “sentado à beira do caminho”... Ele gritava repetidamente: “Jesus, Filho de Davi, tem piedade de mim!”. Era um cego pobre e mendigo. O Senhor poderia – como fizera a tantos outros – inclinar-se até ele. Mas apenas pediu que o chamassem... “Coragem, levanta-te, Jesus te chama!”, e o pobre “jogou o manto, deu um pulo e foi até Jesus”.

Cristo sabia exatamente o que o homem queria, mas desejava uma vez mais testar a sua fé: “O que queres que Eu te faça?”. A resposta, repleta de confiança, traduz o que nós – homens e mulheres de fé – devemos suplicar ao Senhor: “Mestre, que eu veja!” (cf. Mc 10,46-52).

Permitindo-nos distinguir a luz, as pessoas e os objetos, a visão é um dom pelo qual devemos continuamente agradecer a Deus. Mas, além disso, ela simboliza espiritualmente algo ainda mais importante: a capacidade de “ver” com a luz da fé. Uma luz divina e “inacessível” brilhou em nossas almas juntamente com a fé no dia do Batismo: “Foste iluminado por Cristo; caminha, de agora em diante, como filho da luz”.

Nos Evangelhos, a luz significa misticamente a fé, a verdade, a graça, a vida eterna e o próprio Deus. Por isso, São João afirma que “Deus é luz” (1Jo 1,5)! Falando sobre a vinda e a rejeição de Jesus neste mundo, diz que “a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a compreenderam” (Jo 1,5). Segundo a Escritura, ama de verdade aquele que está na “Luz”: que se abre à Verdade, à Graça e à Vida eterna que vem de Deus por meio da fé.

Por isso, muitos santos pediram diariamente ao Senhor: “Envia-me Tua luz e Tua verdade, elas me guiarão e levarão ao Teu Monte Santo e às Tuas Moradas” (Sl 42,3). Peçamos sempre ao Senhor a luz do conhecimento sobrenatural e do discernimento! E isso não apenas quando nos encontrarmos em confusão ou na penumbra. A Igreja nos ensina a pedi-lo constantemente: “Deus, que instruístes o coração dos fiéis com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos todas as coisas segundo o mesmo Espírito”.

Quem é Deus? O que Ele pede de nós? O que fazer nesta ou naquela situação? Como alcançar a vida eterna?... Para responder a estas e a outras perguntas, é necessário buscar respostas na Bíblia e no Magistério da Igreja – especialmente no Catecismo. Porém, qualquer leitura piedosa será infrutífera sem essa luz sobrenatural que o Senhor nos quer comunicar por meio da oração. Afinal, “a fé é um dom que Deus concede a quem pede com humildade” (Compêndio, 28).

O Senhor espera que, como Bartimeu, lancemos fora o manto do comodismo, pullemos em Sua direção e, humildemente – como mendigos –, peçamos o que Ele já nos quer dar: “Senhor, que eu veja! Que eu veja o Teu Rosto, a Tua Beleza, os Teus caminhos!”. Será que seremos atendidos?... “Se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo a quem pedir” (Lc 11,13).

Canção Nova inicia a construção de centro de evangelização em São Paulo

LOCALIZADO NA ZONA NORTE, ESPAÇO RECEBERÁ O NOME DO FUNDADOR DA COMUNIDADE, MONSENHOR JONAS ABIB

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Na segunda-feira, 21, o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo, presidiu uma missa no terreno onde será construído um centro de evangelização da Comunidade Canção Nova, no bairro de Santana, na zona Norte da capital. Na ocasião, houve a bênção da pedra fundamental do espaço que ganhará o nome do Monsenhor Jonas Abib, fundador da comunidade, falecido em 2022.

A celebração reuniu sacerdotes, missionários da Canção Nova, amigos, benfeitores e representantes dos poderes públicos. Localizado na Rua Força Pública, 256, entre as avenidas Cruzeiro do Sul e Santos Dumont, o terreno fica próximo à estação Carandiru do Metrô e ao aeroporto Campo de Marte.

Segundo o responsável de missão da Canção Nova em São Paulo, Italo Magno, a inspiração para o local é construir um espaço de evangelização para transformar vidas e “levar as pessoas ao encontro pessoal com Jesus no poder do Espírito Santo”. Ele recordou ao **O SÃO PAULO** que a iniciativa de atuar na cidade mais populosa do País partiu do próprio Monsenhor Jonas Abib que, embora fosse natural de Elias Fausto (SP), cresceu e viveu boa parte de sua formação na capital.

27 ANOS EM SÃO PAULO

A Comunidade Canção Nova está presente na Arquidiocese de São Paulo há 27 anos. O novo espaço abrigará todas as iniciativas de evangelização da comunidade na capital paulista, como vigílias, grupos de oração, aprofundamentos, atendimentos de oração, encontros, retiros, grupos



Em missa na segunda-feira, 21, Cardeal Odilo Pedro Scherer abençoa a pedra fundamental de futuro centro de evangelização da Canção Nova

de jovens, Santa Missa e trabalhos sociais.

Italo explicou, ainda, que, a partir da celebração, se dará início aos trabalhos de captação de recursos e implantação do projeto em suas etapas, cujo primeiro momento é a construção de um auditório para mil pessoas. “O complexo de evangelização, auditório, praça de alimentação, capela, loja, escritórios administrativos, salas para atividade social e moradia dos missionários está estimado em quatro anos de construção”, prosseguiu. “A Divina Providência abreviará esse tempo”, projetou.

“Este local de evangelização expandirá a Missão da Comunidade Canção Nova em São Paulo. Poderemos contribuir melhor no serviço à Igreja local, vivenciando a sinodalidade, para um ‘caminho de comunhão, conversão e renovação missionária’, por meio da nossa missão e do nosso carisma”, completou o missionário, fazendo referência à temática do sínodo arquidiocesano de São Paulo.

DE SP PARA O MUNDO

“Eu fico muito feliz e me congratulo com a Canção Nova por essa iniciativa que, certamente, vai frutificar muito para a vida não só da Igreja em São Paulo, mas além, porque a Canção Nova se projeta pelos meios de comunicação, pelas mí-

dias e, portanto, não é somente aqui que o benefício vai ficar”, afirmou Dom Odilo, na homilia.

O Arcebispo ressaltou que a Canção Nova nasceu para evangelizar. “Que a Palavra de Deus, o anúncio do Evangelho, possa ressoar ricamente. Não só para a cidade de São Paulo, mas para todo o Brasil e além dele também. Que a missão da Canção Nova se realize de maneira forte, clara, bonita”, completou.

Padre Wagner Ferreira da Silva, Presidente da Comunidade Canção Nova, agradeceu ao Cardeal Scherer pelo seu acolhimento e pastoreio em relação à Canção Nova na Arquidiocese de São Paulo.

“Certamente, o Padre Jonas se alegra muito conosco por mais esta conquista, que não é uma conquista à toa, mas é a ação da providência de Deus. Aqui em São Paulo, esse espaço um dia será um centro de evangelização, com o nome de Monsenhor Jonas Abib, nesta cidade onde ele cresceu, descobriu a sua vocação, onde ele se projetou para o mundo”, destacou o Padre Wagner.

A COMUNIDADE

A Canção Nova é uma comunidade carismática católica, fundada pelo Monsenhor Jonas Abib em 1978 e reconhecida

pela Santa Sé em 2008 como associação internacional privada de fiéis, dotada de personalidade jurídica, tendo sua sede na cidade de Cachoeira Paulista (SP).

Com presença em diversos estados do Brasil e no exterior, a Comunidade Canção Nova tem a missão de evangelizar, comunicar Jesus e a vida nova que Ele veio trazer, pelos encontros e, de maneira preferencial, mas não exclusiva, pelos meios de comunicação social. Ela atua também nas áreas da educação, da saúde, das artes, da cultura e da promoção social, com o objetivo específico de contribuir concretamente na transformação do ser humano e das estruturas sociais. Sua finalidade é a formação de homens novos para o mundo novo, por meio da evangelização.

Em 1980, os membros da Comunidade Canção Nova deram início ao trabalho de evangelização pelas ondas da *Rádio Canção Nova*. O trabalho logo ganhou audiência, se expandiu e a Canção Nova lançou sua televisão.

Com o passar dos anos e o advento das novas mídias, a Canção Nova consolidou seu carisma: a evangelização pelos meios de comunicação – *Rede de Rádio Canção Nova* (AM e FM), Portal (www.cancaonova.com), Play (WebTV), Revista, Redes Sociais, *TV Canção Nova*, livreria, gravadora e editora.

SOLUÇÕES ECLESIAIS ORGSYSTEM



Acesse nosso site e conheça nossos produtos!



"Orgsystem, inovando sempre para melhor atendê-lo"